

1º CONCURSO  
LITERÁRIO DA  
*Anamatra*



# **1º Concurso Literário da Anamatra**

## **COMISSÃO JULGADORA**

Ministro Alberto Luiz Bresciani de Fontan Pereira

Desembargador Gustavo Tadeu Alkmin

Doutora Lucília de Almeida Neves Delgado

## **DIRETORIA ANAMATRA - BIÊNIO 2019/2021**

### **Presidente:**

Juíza Noemia Aparecida Garcia Porto (Amatra 10/DF e TO)

### **Vice-Presidente:**

Juiz Luiz Antonio Colussi (Amatra 4/RS)

### **Secretaria-Geral:**

Juíza Patrícia Almeida Ramos (Amatra 2/SP)

### **Diretoria Administrativa:**

Juiz Marcelo Rodrigo Carniato (Amatra 13/PB)

### **Diretoria Financeira:**

Juiz Mauro Augusto Ponce de Leão Braga (Amatra 11/AM e RR)

### **Diretoria de Comunicação:**

Juiz Ronaldo da Silva Callado (Amatra 1/RJ)

### **Diretoria de Prerrogativas e Assuntos Jurídicos:**

Juiz Marco Antônio de Freitas (Amatra 24/MS)

### **Diretoria de Assuntos Legislativos:**

Juíza Viviane Maria Leite de Faria (Amatra 5/BA)

### **Diretoria de Formação e Cultura:**

Juíza Luciana Paula Conforti (Amatra 6/PE)

### **Diretoria de Eventos e Convênios:**

Juiz Paulo da Cunha Boal (Amatra 9/PR)

### **Diretoria de Informática:**

Juiz Marco Aurélio Marsiglia Treviso (Amatra 3/MG)

### **Diretoria de Aposentados:**

Juiz José Aparecido dos Santos (Amatra 9/PR)

### **Diretoria de Cidadania e Direitos Humanos:**

Juiz Marcus Menezes Barberino Mendes (Amatra 15/Campinas e Região)

### **Conselho Fiscal (Titulares):**

Juiz Valter Souza Pugliesi (Amatra 19/AL)

Juíza Daniela Lustoza Marques de Souza Chaves (Amatra 21/RN)

Juíza Patrícia Pereira de Sant´anna (Amatra 12/SC)

Suplente: Juiz Luiz Eduardo Soares Fontenelle (Amatra 17/ES)

# Apresentação

Caro (a) Associado (a)

É com imensa satisfação que apresentamos a obra composta pelos trabalhos vencedores do 1º Concurso Literário da ANAMATRA.

A iniciativa era uma demanda antiga dos (as) associados (as) literatas e a adesão superou todas as nossas expectativas. Isso evidencia como direito e literatura possuem, na sua intersecção, uma força poderosa.

A comissão julgadora foi escolhida com muito cuidado e zelo para essa nossa pioneira iniciativa e contou com o Ministro do Tribunal Superior do Trabalho Alberto Luiz Bresciani de Fontan Pereira, com o Desembargador do Trabalho do Tribunal Regional da 1ª Região Gustavo Tadeu Alkmin e com a Professora Doutora Lucília de Almeida Neves Delgado. Não temos palavras para agradecer aos nossos jurados e jurada, não só pela indiscutível credibilidade que imprimiram ao Concurso, como também, pela honra da análise criteriosa dos trabalhos, contribuindo de maneira decisiva para o sucesso da obra.

Inicialmente, conforme previsto no edital, tínhamos concebido a publicação apenas no formato eletrônico, mas devido à qualidade e relevância dos trabalhos e considerando, ainda, o difícil período da pandemia, resolvemos acolher a sugestão de um dos premiados, para o envio da versão impressa a todos os lares, como uma forma de alento e de renovação da esperança de que brevemente dias melhores virão. Levar para as casas dos(as) nossos(as) associados(as) traços da arte é para nós uma forma de demonstrar a consideração e o respeito que os elos associativos possibilitam.

Os trabalhos não poderiam ser melhores para esses objetivos. Os textos tratam da realidade, da dureza da vida, mas também de esperança, de sonhos, paisagens, amor e relacionamentos humanos.

Podemos falar na construção de obra ímpar, por nos trazer distintos olhares de magistrados e magistradas do trabalho, acostumados (as) a lidar diariamente com a parcela mais humilde da população. São magistrados (as) que entendem de gente e que conhecem o Brasil como verdadeiramente é, nos seus vários Estados, com seus potenciais, desventuras e mazelas.

Sensibilidade, criatividade e realismo são palavras que podem definir os escritos. Os textos nos revelam o trabalho como elemento principal, coadjuvante ou como um ideal a ser alcançado. Revelam, ainda, a imagem negativa do trabalho penoso, desprotegido e até da ausência de emprego. A centralidade do trabalho e a dignidade do ser trabalhador permeiam as linhas, seja nas relações profissionais ou pessoais das personagens, no contato com as situações cotidianas ou no curso da vida, que a ninguém pertence, traçando suas trajetórias.

Histórias e reflexões de como tentar se adaptar ou se reinventar, de como ver a sabedoria na ingenuidade ou, ainda, a beleza na simplicidade, de como aprender com erros, sofrimentos e incertezas. Amar, se relacionar, buscar a felicidade, tentar uma vida melhor, lutar por ideais, sorrir...

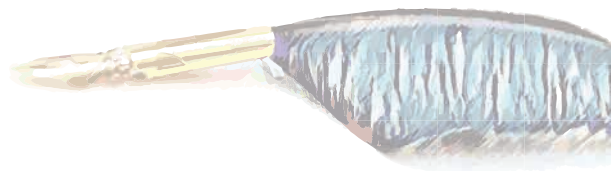
Que a pandemia passe logo e que continuemos, com entusiasmo, nas buscas e lutas diárias.

Uma excelente leitura!

Noemia Porto  
**Presidente**

Luciana Conforti  
**Diretora de Formação e Cultura**

# Sumário



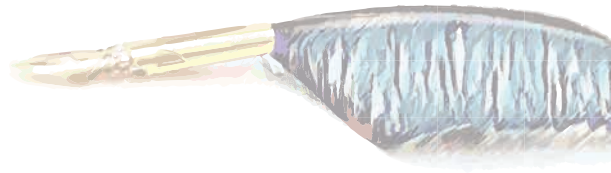
## Pontos

<b>A usina.....</b>	<b>11</b>
Vanilson Rodrigues Fernandes	
<b>A viagem de Agenor.....</b>	<b>21</b>
Lisandra Cristina Lopes	
<b>As coxinhas de Dona Maria.....</b>	<b>27</b>
Simone Galan de Figueiredo	
<b>Cinco chamadas .....</b>	<b>31</b>
Daniel Souza de Nonohay	
<b>Escarpas.....</b>	<b>41</b>
Deizimar Mendonça Oliveira	
<b>Fotografias .....</b>	<b>49</b>
Jairo Vianna Ramos	
<b>João Merda .....</b>	<b>53</b>
Fábio André de Farias	
<b>Rosebud .....</b>	<b>57</b>
César Nadal Souza	
<b>Seu Chico x Seu João: Um Grenal de medicamentos .....</b>	<b>61</b>
Rodrigo Goldschmidt	
<b>Tio Castelar .....</b>	<b>65</b>
Manoel Luiz Costa Penido	
<b>Virtualidade real.....</b>	<b>75</b>
Ricardo Motomura	



# Crônicas

<b>Rainha de Sabá do Carnaval</b> .....	81
Francisco Antonio Romanelli	
<b>A arquibancada</b> .....	84
Mário Batigniani	
<b>Elogio da inutilidade</b> .....	86
Lisandra Cristina Lopes	
<b>Isso dá uma crônica</b> .....	89
Maria Francisca dos Santos Lacerda	
<b>O Juiz, os advogados, o cajueiro, o cajucultor e o boia-fria</b> ..	92
João Luiz Rocha do Nascimento	
<b>O vento</b> .....	95
Kleber de Souza Waki	
<b>O vento também se bebe</b> .....	97
Dulce Olenca Baumgarten Padilha	
<b>Princípio da contradição intrínseca</b> .....	100
Wagson Lindolfo José Filho	
<b>Quadro na parede</b> .....	103
Jairo Vianna Ramos	
<b>Um vício moderno</b> .....	106
Gilberto Garcia da Silva	
<b>Você sabe qual o coletivo de muriçoca?</b> .....	109
Esmeralda Simões Martinez	

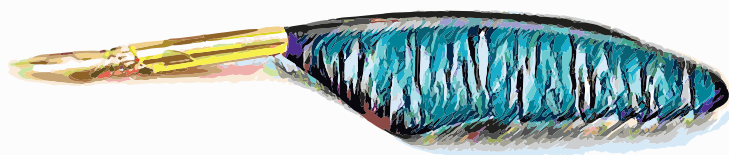


# Poesias

<b>Data-driven Poetry .....</b>	<b>115</b>
José Eduardo de Resende Chaves Júnior	
<b>De máquina a nuvem .....</b>	<b>116</b>
Leonardo Vieira Wandelli	
<b>Não posso voltar atrás .....</b>	<b>117</b>
Dulce Olenca Baumgarten Padilha	
<b>Nenhuma delas... Todas elas.....</b>	<b>118</b>
Rosana Caldas	
<b>O sertão e o desejo .....</b>	<b>120</b>
Lisandra Cristina Lopes	
<b>Poesia das mãos de pedreiro .....</b>	<b>121</b>
Vanilson Rodrigues Fernandes	
<b>Sintomas de Apocalipse .....</b>	<b>123</b>
Gilberto Garcia da Silva	
<b>Sou o lixo.....</b>	<b>125</b>
Adriana Leandro de Sousa Freitas	
<b>Suicida .....</b>	<b>127</b>
Antonio Umberto de Souza Júnior	
<b>Um circo na cidade.....</b>	<b>128</b>
Geraldo de Castro Pereira	
<b>Uma vida .....</b>	<b>131</b>
Maria Francisca dos Santos Lacerda	







Pontos





## A usina

**Vanilson Rodrigues Fernandes\***

Pedro e Paulo sulcavam a terra árida sob o sol escaldante das onze horas. A vista se perdia. Nenhum verde para animar de esperança a paisagem. Somente os irmãos permaneciam ali, resignados, em seu torrão. Os vizinhos todos já tinham partido. A seca era a mais severa dos últimos anos. Pedro olhou para o sol. Sorveu um gole da suja água do cantil. Tá na hora do almoço.

Os homens pararam. Abrigaram-se à sombra de um arbusto retorcido. Desembrulharam a marmita. Comeram a velha polenta. Jogaram duas mãos cheias de farinha na boca. Beberam as últimas gotas de água do cantil.

Ouviste a estória da usina. Sim, a história da barragem. Dizem que todo mundo foi caçar trabalho pra lá. Será que não é hora de irmos também. Faz mais de seis meses que não cai uma gota-d' água. O fundo do riacho tá só um lamaçal. Tá vendo essa água que a gente bebe. Mais um mês de seca e não vai sobrar nada. Eu sei Paulo, mas sossega. São José vai mandar chuva. A gente não pode abandonar nossa terra e partir atrás de uma ilusão. Ninguém voltou dessa tal usina pra dizer que é bom. Por isso mesmo. Se ninguém voltou é porque é bom, então resolveram ficar. Isso aqui não é vida.

---

\* Juiz do Trabalho da 8ª Região.

O texto foi vencedor, na categoria conto, do 1º Concurso Literário da Anamatra.

A gente não pode abandonar o lugar onde nascemos, onde o pai e a mãe tão enterrados. Lembra quando chove? Tudo fica verde. Aparece até peixe no riacho. Eu sei, mas é que... Sossega, a chuva vai chegar. Logo esse povo todo volta pra casa e esquece essa bobagem de barragem. Bom que chegue logo, então. Antes da fome nos matar.

O silêncio constrangedor que se fez no momento foi quebrado pelo barulho de um calango que se movia no arbusto. Pedro e Paulo se olharam. Mantiveram o silêncio. Em um movimento concatenado pularam juntos sobre o arbusto. Pedro ergueu o calango ao céu como um troféu. Hoje a gente janta. Obrigado meu São José. Eu não te disse Paulo que as coisas vão mudar. Ambos sorriram e se abraçaram satisfeito na certeza de que dias melhores viriam.

Pedro e Paulo se embalavam nas redes. O calango lhes enchera a barriga e lhes renovara as esperanças. É melhor esquecer essa estória de usina. É, Pedro. Se ninguém voltou, podem ter morrido por lá, ou no caminho. A gente nunca saiu daqui. Como encontrar um negócio desses. Dizem que é fácil ir pra essa tal de Amazônia. O pai disse pra gente nunca sair daqui. Lembra o que ele contou quando foi embora. Lembro. Tenho saudades do pai e da mãe. Eu também. Vamos dormir. Os homens logo pegaram no sono, suas faces ossudas esboçavam um leve sorriso. As estrelas brilhavam no céu e a lua cheia prateava a terra seca.

O sol inclemente fez os dias passarem rápido. Paulo chegou ao riacho. Nem o lamaçal existia mais. O solo estava duro, esturricado e totalmente rachado. Sentou-se no leito do que restara do lodo das águas. Eu vou é atrás dessa usina. Não vou morrer aqui. Se Pedro quiser que venha comigo. Se não, que fique cuidando dessa terra maldita. O azul do céu chegava a doer nos olhos. Não havia nuvem alguma. O horizonte se perdia. Na velha casa de taipa, Pedro ainda argumentou. A realidade se impôs, porém. Capitulou, a contragosto.

Pedro e Paulo olharam de longe a mal-ajambrada casa. Levavam consigo cada um uma boroca com seus trapos. Estavam esqueléticos. Antes explicaram a situação aos pais. Impossível ficar. Dois amontoados de pedras com uma cruz em cima. Depois permaneceram num cúmplice mutismo. Ao longe os dois homens cinza se confundiam com a paisagem árida. O pequeno caminho que dava acesso à estrada foi percorrido com firmeza em um quarto de dia.

Depois a piçarra da estrada modificou a cor dos homens. Alcançaram um entroncamento de vias. Sabiam que a cidade ainda estava longe. Apesar de percorrerem uma longa distância, não demonstravam cansaço. A fome e a sede mantinham o silêncio e a fleuma.

Quando a paisagem começou a ficar mais urbana, o alaranjando do fim de tarde se confundia com os dois homens. Estavam cobertos com a poeira da piçarra. O cobre de Pedro e de Paulo os misturava naquela nova paragem. A estrada de piçarra terminou. Dali em diante, havia um asfalto mal-acabado, indicando o começo da cidade. No mesmo ponto, entre o término da estrada e o início do asfalto, um posto de combustível empoeirado pelo mesmo cobre dos homens, com uma bomba ainda à mão. Ao lado um bar chamado Suzana.

Os homens pararam bem na divisa. Olharam a cidade decadente e então demonstraram exaustão, mais pela desolação do vilarejo que propriamente pelo esforço da longa caminhada. Pedro indicou o posto. Um macilento cachorro começou a latir. Era costume, não propriamente defesa do território. Os homens de cobre passaram pelo animal. Nem ligaram. O animal não amedrontava ninguém.

O frentista girava uma manivela e abastecia uma Brasília. Pedro e Paulo se achegaram. A Brasília partiu. Eita que vocês estão só piçarra. Sei bem como é que é essa poeira. Tão vindo de longe? Os homens responderam positivamente com um gesto de cabeça. E tão indo pra onde? Pedro olhou para Paulo e ambos

olharam pro frentista sem resposta. Tão caçando trabalho, né? Aqui não tem não. Aqui é só essa desolação e de vez em quando um carro. É um fim de mundo.

Muita gente foi embora. Foram lá pras bandas dessa tal de usina, a barragem. Dizem que tem muito serviço por lá. O Amadeu de vez em quando leva uma turma no pau de arara. Têm dias que ele saiu com o caminhão cheio de peão. Pra onde é, moço, que fica a usina. Eu não sei direito não, mas é lá pras bandas do norte. A dona Suzana é que sabe direito. Ali no bar. Ela conhece o seu Amadeu direitinho. É só encostar lá que ela ajuda.

Os homens caminharam até o bar da Suzana. O cachorro esboçou mais dois latidos. Desistiu de vez e foi se aninhar junto a única bomba do posto. O frentista ficou olhando os irmãos entrarem no bar. Todo dia é isso. Mais dois pro Amadeu. Assim o homem enrica.

Um homem dormia sobre uma das mesas. Varejeiras empastavam o ambiente. Nas prateleiras, só havia garrafas de cachaça. Uma pequena porta se abriu quando os homens se aproximaram do balcão. A mulher de rosto sulcado, nariz adunco e enormes unhas sorriu. Os irmãos se olharam.

Tão caçando trabalho, né? A gente quer saber do seu Amadeu. A senhora conhece. Diz que ele leva homem pra essa tal de usina. Pra trabalhar. O Amadeu? Faz dias que saiu daqui, mas não vai demorar pra voltar. Querem beber alguma coisa? Os homens trocaram um olhar de constrangimento. Não se preocupem, se forem mesmo com o Amadeu, podem beber. Estão com fome, né? O homem deitado sob a mesa balbuciou algo incompreensível e voltou a dormir.

Vamos fazer assim: eu acerto com o Amadeu, enquanto isso vocês podem entrar. A mulher levantou um tampo no balcão. Os homens, meio desconfiados, passaram e a seguiram portinha adentro. Chegaram a um quarto com diversas redes.

Podem deixar as coisas de vocês aí. O banheiro é lá no fim do corredor. Podem tomar banho. Vou ver algo pra comerem.

A noite caiu. Pedro e Paulo se balançavam nas redes. A dona Suzana foi muito boa com a gente. É, foi mesmo. Quando será que esse seu Amadeu vem. Acho que logo. Eu não te disse, Pedro, que deveríamos ter vindo atrás dessa usina. Todo mundo foi. Nós já jantamos. Se tivéssemos vindo mais cedo... Pedro permaneceu em silêncio. Não havia o que dizer.

De repente, a porta do quarto se abriu. O homem solitário que estava dormindo na mesa do bar entrou. Cantava uma música ininteligível. Com passos trôpegos passou e esbarrou nas redes de Pedro e de Paulo. Deitou na rede do fundo. Resmungou umas palavras e dormiu. Vamos dormir também.

O velho caminhão estava apinhado de homens. Suzana conversava com Amadeu dentro do bar. A mulher mostrava-lhe um caderno. Amadeu puxou do bolso um bolo de dinheiro e entregou uma parte à Suzana. Amadeu entrou na cabine do motorista. Ordenou que partissem. Pedro e Paulo fizeram um sinal de adeus para o frentista. O cachorro deu um tímido latido. O sacolejo ajudou a arrumar os homens atrás. O caminhão logo venceu o esburacado asfalto da cidade e se perdeu na paisagem poeirenta da estrada.

O homem ficou sóbrio. Chamava-se João. Era um peão do trecho, como dizia. Vivia perambulando pelo mundo, de fazenda em fazenda, de obra em obra. A cachaça era sua família, sua mulher, seus filhos. Só não ficava de pileque quando precisava trabalhar, ou naquela viagem de três dias sem pinga alguma. Assim Pedro e Paulo souberam quem era o companheiro com quem dividiram o quarto, enquanto estiveram com Suzana.

A paisagem mudou. Os gravetos secos e retorcidos agora deram lugar a um verde fulgurante. Pedro e Paulo olhavam admirados. Ao invés de poeira, chuva, muita chuva e lama pelo caminho. Quando a chuva vinha, abrigavam-se embaixo da lona.



Várias vezes tiveram que descer e empurrar o caminhão que atolara em algum lamaçal. Eram todos fugitivos da seca, mas agora tinham que suportar a água que vinha do céu.

Em uma corrutela, Amadeu deu as instruções. Vocês não podem levar bebida para o alojamento, nem mulher. O horário de trabalho é das 7h às 18h, de segunda a sábado. A folga é no domingo. Nesse dia, vocês podem ir pra cidade. Nos outros dias da semana não podem sair dos alojamentos. Não podem perder nada, senão é descontado. Tem que obedecer o chefe. Não pode discutir, nem reclamar da comida. O trabalho é simples, é só encher as formas. Disse ainda os horários do café, do almoço e da janta. Todos sorriram. Parecia que iam ao paraíso.

Quando chegaram ao imenso canteiro de obras, Pedro e Paulo ficaram abobalhados com a quantidade de homens trabalhando. Um imenso paredão de concreto estava sendo erguido para represar o rio. João estava numa crise abstinência. Suas mãos tremiam. Precisava de um trago. Mas já sabia das regras. Teria que aguentar até a folga, ou conseguir algo para estabilizar a falta de álcool.

A fila era imensa. Todos caminhavam bovinamente. Pedro, Paulo e João melaram o polegar na almofada. Pressionaram o dedo em uma linha pontilhada no final de uma folha de papel. Não entendiam o porquê daquilo, mas enfim. Depois receberam os uniformes. Um homem falava sobre as regras do local. Muitas coisas já ditas pelo Amadeu, outras muito estranhas, mas que os homens fingiram entender. Paulo não se cansava de repetir o quão bom foi ter vindo. Pedro somente abaixava a cabeça. As mãos de João já haviam se estabilizado. Onde há muitas regras, o mercado negro sempre se impõe. Agora sim, podia começar a trabalhar.

É a primeira vez de vocês, né? É só seguir as regras. Mas João, tu tá fedendo a cachaça. Psiu. João colocou o indicador direito na ponta dos lábios. Tá bom, eu não preciso seguir todas

as regras, mas vocês precisam. Eu sou do trecho. Vocês ainda nem desmamaram. Os irmãos torceram a boca e os três homens entraram num enorme barracão.

De longe tudo parecia muito organizado. Os vasilhames em formas de latas subiam com o concreto. Os homens os recebiam e os despejavam nas formas. O concreto rapidamente endurecia e assim o paredão ia se formando. De perto, porém, era um caos. Havia gritos de todos os lados, muito concreto escorria, formas arrebentavam, o andaime balançava e os respingos deixavam todos com a mesma aparência. Pedro e Paulo logo se adequaram. João já sabia como as coisas andavam.

Capitão era o chefe da concretagem. Um sujeito duro nos modos. Falava grosso e ríspido com todos. Diziam que já havia matado peão rebarbado. Tem que botar logo cabresto no peão. Senão ele cresce e aí ninguém controla. O sotaque era parecido com o de Pedro e Paulo, mas ninguém sabia nada daquele homem. Todos o temiam. Vez por outra, Capitão deixava a arma na cintura aparecer. Era uma maneira de reafirmar a sua autoridade.

O ritmo era frenético. A concretagem era feita em etapas, por colunas, mas boa parte da barragem já estava erguida. Os trabalhadores começam concretando cada coluna de baixo para cima. Quando chegavam no topo, Pedro e Paulo, vez por outra, apreciavam a beleza do imenso rio. João já vira outros, nem ligava. Diziam que o nome do rio era de origem indígena. Não sei quê de gafanhoto, disse João. Agora vamos trabalhar. Lá vem concreto. No alto da coluna, era perigoso se distrair. Vez por outra havia boatos de que um operário caíra dentro da forma. Conversa, dizia Capitão. Vão trabalhar. A usina precisa ser inaugurada.

A obra estava atrasada. Certa vez, índios paralisaram a construção dizendo que a represa “inundaria suas terras”. Nesse dia ninguém trabalhou, até a chegada do polícia. Foram retirados

do canteiro a peso de bombas e cassetetes. As turbinas da usina já haviam chegado. A obra estava a todo vapor. O progresso não pode parar, dizia Capitão. Amadeu sempre chegava com seu caminhão cheio de homens. Agora haveria três turnos de trabalho. O presidente precisava inaugurar a usina antes do término do mandato. Estamos atrasados, corre peão com a obra, gritava Capitão.

Os três homens trabalharam três meses sem receber. Amadeu disse que ainda fez um desconto, quando Paulo foi indagar sobre o pagamento. Afinal agora vocês fazem três refeições. O que mais querem da vida. Se não fosse eu, vocês morreriam de fome naquele sertão. Eu não disse que vocês têm que seguir as regras. Então me obedçam. Resignados os irmãos voltaram ao trabalho.

Veza por outra, Pedro e Paulo encontravam algum operário parecido com um vizinho do sertão. Certa vez, abordaram um homem. Chamaram-no de seu Venâncio. O homem virou o rosto. Não sou paraíba, disse. Era só impressão. Todos aqueles homens eram iguais. Nas desgraças e nas bravatas, ou até mesmo no esforço para se diferenciarem. Quem vira e ouvira um, vira e ouvira todos.

João veza por outra exalava à pinga. À noite, Pedro se lembrava de sua terra natal. Paulo praguejava o lugar onde nascera e passara fome. Reforçava suas pragas com o mesmo argumento usado por Amadeu. Aqui, a gente toma café, almoço e janta. Só sinto saudades do pai e da mãe. Pedro calava-se. Não falou mais de seu torrão. Nem pensou se havia chovido ou não. Melhor nem pensar. É só trabalhar que se esquece de tudo, disse João.

Depois do quarto mês de trabalho, João, Paulo e Pedro foram à cidade. Havia animação para todos os gostos. João embebedou-se. Sem outras opções, Paulo o acompanhou. Em vão, Pedro tentou conter o irmão. A cachaça e o cabaré eram o alívio ao trabalho duro e ao confinamento. No fim do dia, os homens voltaram para o alojamento. Somente Pedro estava

sóbrio. Dali em diante a cachaça e as putas viraram uma rotina para Paulo. Pedro que nem ia mais à cidade, ficava o domingo amuado no alojamento.

Em uma das folgas, quando João e Paulo estavam embriagados, foram para a zona. Havia somente uma mulher disponível. Paulo deu preferência a João. Quanto é o programa. Cinquenta. João só tinha trinta. Vamos subir. Só tenho trinta, disse João, quando o serviço já estava feito. Bêbado, foi presa fácil para o punhal que varou seu coração. Nem percebeu que havia morrido.

Jogaram Paulo no meio da rua. Quando acordou, sóbrio, mas ainda com gosto metálico na boca, o ônibus já havia partido. Andou por cinco horas até chegar no alojamento.

Cadê o João? Eu é que te pergunto. O pai e a mãe iam ficar muito decepcionados com a vida que tá levando. Me deixa. O João deve tá dormindo por aí. Amanhã ele aparece. Paulo se jogou na cama. Pedro olhava o teto. Souberam de manhã no café da morte do amigo. Capitão, nós queremos ir no enterro do João. Vão é trabalhar. Aquele bêbado teve o que merecia. Pensa que eu não sabia da cachaça que ele tomava aqui. Vocês não eram nem parente dele. Lembraram-se do conselho de João. Sigam as regras. Foram ao trabalho. Paulo não foi mais à cidade e ficava com o irmão no alojamento aos domingos.

O paredão de concreto estava chegando ao fim. O ritmo se intensificou. Quando as colunas estavam chegando ao fim e então o rio seria todo represado. A beleza estonteante do imenso lago que se formara fascinou os homens. Já imaginou toda essa água na nossa terra, Paulo. Paulo se lembrou do riacho ressequido e devagar percorreu com os olhos o imenso lago de um lado a outro. O concreto não parava. Paulo, que maldizia sua terra, lembrou-se do sertão, com saudades.

De repente, um vasilhame de concreto que vem de baixo atinge a beira do do andaime. Os irmãos, ainda distraídos pela

visão do lago, não conseguem se equilibrar. Caem dentro das formas. Matizados pelo concreto, ninguém notou a diferença. O concreto continuou a ser jogado nas formas. A ausência dos irmãos somente foi sentida alguns dias depois. Avisaram Amadeu. Eles não tinham família. Vou mandar recado para Suzana, caso apareçam por lá. Pelo menos não fiquei no prejuízo com esses dois. Um operário indagou se eles não poderiam ter caído no concreto. Besteira, disse o Capitão. Devem ter ido embora porque não deixei eles irem no velório do cachaceiro. Volte ao trabalho. Precisamos terminar essa obra, berrou Capitão.

Dali a seis meses, o presidente inaugurou a usina que levaria luz para todo o Brasil. Falou de progresso, de desenvolvimento e dos empregos gerados pela obra. Acionou as turbinas. O gerador começou a produzir energia. O corpo de Pedro e de Paulo, cimentado no concreto da barragem, ajudava a represar o rio. O imenso lago de águas plácidas e diáfanas, que inundou centenas de quilômetros de floresta, ficava lindo sob a luz da lua a lembrar as noites prateadas do sertão onde os irmãos nasceram.

# *A viagem de Agenor*

**Lisandra Cristina Lopes\***

Quando o despertador tocou, às cinco e meia, ele acordou. Abriu o olho direito (para dar sorte. Sempre abria primeiro o direito). Depois o esquerdo. Mexeu os dedos do pé direito. Do esquerdo. Sentou-se na cama. Calçou os chinelos. Levantou-se. Pé direito, depois o esquerdo. Lembrou que hoje não iria trabalhar. Férias! Mais do que férias: viagem! Caminhou em direção ao banheiro e iniciou, com prazer, o ritual já conhecido. Mas, dessa vez, ao invés da repartição, era o avião que o aguardava.

Sorriu satisfeito. Não que não gostasse do trabalho. Não, não era isso. Ele amava o trabalho. Mesmo que sua chefe fosse uma mulherzinha sem competência, ridícula, que ficava fazendo charme (sim, ele percebia) para os homens que ia atender no balcão. Atendia primeiro os homens, deixava as mulheres esperando. A fêmea nojenta. A meretriz. Chegava atrasada, sempre atrasada. E o pior de tudo: desorganizada. Aquele gabinete dela é um horror.

Já ele, Agenor, é outra história. Um primor. Cada cadeira em seu lugar. Na mesinha, um porta-retratos com a foto da mãe. Canetas no porta-lápis. Arquivos rigorosamente arrumados, primeiro por assunto, e em seguida, dentro de cada assunto, em ordem alfabética. Trabalho é método. Vida é método!

---

\* Juíza do Trabalho da 21ª Região

Terminou o banho com esses pensamentos. Vestiu cuidadosamente a calça social, depois a camisa, abotoou até o colarinho, fechou os botões do punho. Cinto. Meias. Sapatos. Sapatos são peças essenciais. A não ser que esteja na segurança de seu próprio quarto, não os tira nem mesmo para dormir.

Saiu do quarto. Apagou a luz. Caminhou até a cozinha. Dona Maria das Dores já o esperava, colocando a mesa com um café de aroma sem igual. Aliás, qualquer comida que ela preparasse adquiria esse cheiro característico, cheiro de esmero, de limpeza. Tomou café, despediu-se da mãe com um beijo na mão e saiu em direção ao aeroporto carregando sua bagagem. Destino: Manaus.

O voo transcorreu sem maiores transtornos. As aeromoças ofereceram balas, refrigerante e suco (ah, as viagens de avião não são mais como antigamente!).

Ao desembarcar, dirigiu-se ao hotel. Instalou-se, passou a tarde vendo TV. Veio a noite, e a ansiedade lhe tocava os nervos. Rezou de joelhos, pediu perdão antecipadamente ao seu bom deus e tomou a decisão. Como sempre. Era assim que as coisas aconteciam quando viajava de férias.

Pegou o jornal comprado ainda no aeroporto e começou a pesquisar:

Ronaldo – *"Realizo suas mais secretas fantasias"*

James – *"Companhia agradável e muito quente"*

Lover boy – *"Sou alto, moreno, musculoso...o resto só conto pessoalmente"*

Vanny – *"Boneca que gosta de levar, mas também tem pra meter"*

Pronto. Vanny. Seu coração bateu apressado ao ler o anúncio. Ele sentiu o querer entrando, infiltrando-se, passo a passo, no seu corpo, como um remédio forte que é aplicado na veia. Fechou os olhos, e podia imaginar o cheiro, o toque,



os cabelos... Seriam lisos ou ondulados, curtos ou compridos, loiros ou...? Ah, Vanny, boneca... multiuso! Sim, multiuso, faz as duas coisas. "Aqueles" coisas.

Sobressalto no peito, cortando o deleite. "Aqueles coisas" sempre causam esse efeito duplo. O desejo e a vergonha. A ansiedade e a culpa. Mas o pedido de perdão já foi feito, e, além disso, ao retornar para casa passaria mais onze meses vivendo na virtude, ao lado da mãe.

Pegou o telefone. Discou. Primeiro o três, depois o seis. Dois. Três de novo. Lentamente. Saboreando. Com um misto de satisfação e terror. Para sua alegria, quem atendeu foi a própria Vanny. Boneca. E que voz! Marcaram o encontro para dali a uma hora, na casa dela.

Começou então um novo ritual. Banho demorado. Calça social. Camisa. Colarinho. Punhos. Meias. E sapatos. Ah, os sapatos...

Quando chegou, não se surpreendeu com a casa de sua boneca, por mais que não fosse de seu agrado um lugar como aquele. Era minúscula e suja. Paredes nojentas. Roupas espalhadas. Cama desfeita. Cheiro de pecado. Mas quando Vanny acariciou seu rosto, enquanto lentamente passava a língua pelos lábios, com um olhar insinuante que o analisava de cima a baixo, levantando as sobrancelhas num convite, todo o resto perdeu importância. Os cabelos, muito loiros, pendiam sobre os ombros. Não, ultrapassavam os ombros, eram lindos e longos aqueles cabelos. Os olhos, muito pintados, davam-lhe um aspecto *noir*, deixavam-na parecida com uma entediada dama francesa. Os seios, ah, os seios... imensos e duros, duros como nenhuma daquelas fêmeas lá do trabalho era capaz de ter. E saltavam da blusa, levemente transparente. A saia curta, rodada, aumentava ainda mais o mistério e alimentava seu ar de francesinha.

Beijaram-se. Isso mesmo, beijaram-se! Porque, para Agenor, o beijo era sinal de amor, e como que purificava e



elevava e purgava todo aquele nojo. Isso estava no acerto prévio que fizeram. Não podia faltar. Mas ele sentiu que, apesar de tudo, aquele não foi um beijo comprado. Vanny, sua boneca, ela também o amou desde o primeiro momento.

Depois, Agenor cuidadosa e lentamente desabotoou sua camisa. Tirou a calça. Sempre escolhia uma calça larga, que pudesse passar pelos sapatos. Pendurou a roupa no cabide, com cuidado para não amassar. Caminhou com Vanny até a cama. Sentou-se, pediu que ela ficasse de pé junto a ele. Queria olhá-la em silêncio, sem pressa. Apreciou seus cabelos. Deixou que ela mordesse seus dedos. Deslizou a mão pelos seus seios. Desceu até a barriga. Depois, quadris. E então parou. Queria conferir dramaticidade ao momento. Respirou fundo. Lentamente, concentrado como quem faz uma oração, levantou a saia. Seu coração disparou. Como era lindo aquilo, como era lindo! Daquele corpo de mulher brotava, ereto, o segredo da sua boneca, da sua francesinha. Só não quis morrer naquela mesma hora porque ainda precisava subir as escadarias da catedral de joelhos, não poderia morrer em pecado. Mas felicidade como aquela, ah, felicidade como aquela não existia.

E se esbaldaram, exatamente como ela prometera no anúncio. Seu único defeito era querer desamarrar os cadarços dos seus sapatos. Era a única coisa que fazia com que ele se zangasse um pouco com sua bonequinha, afinal só ia para a cama sem sapatos na segurança do seu quarto. Isso desde menino. O que sempre foi e é não se muda, não se deve tentar mudar.

Depois do amor, Agenor sustentava em seu ombro a cabeça adormecida de Vanny. Os sapatos desamarrados incomodavam um pouco, mas continuavam nos pés, então não havia problema. Desfrutava dessa felicidade, dessa calma, quando a porta foi aberta de chofre e dois homens invadiram a casa, arma em punho. Antes de possibilitar qualquer reação, correram para a cama, acordaram Vanny puxando-a pelos cabelos.

*"Traveco safado, agora a gente te pegou de jeito. Agora você vai pagar o que deve".*

Sequer deram importância à sua presença, à sua cara de horror. E começaram uma sessão de tapas no rosto (o lindo e francês rosto de sua bonequinha), empurrões, socos.

*"Só não arranco esse pau porque tenho nojo de pegar, seu traveco imundo".*

Agenor, petrificado, tentou balbuciar alguma coisa, e um deles olhou furioso e disse: *"fica na sua, coroa boiola"*.

Quando tiraram uma tesoura e começaram a cortar o cabelo da sua Vanny, ele não suportou. Num lance de coragem e falta de método, saltou da cama. Um dos sapatos caiu dos pés. O outro saiu também, logo depois dos primeiros passos. Avançou num dos homens, distribuiu pernadas, socos, pontapés, agarrou-se com um deles.

Aí sentiu o impacto. À queima-roupa. O projétil penetrou no seu corpo, abriu um buraco enorme, rasgou sua carne, explodiu lá dentro. O sangue saltou; suas vísceras se despedaçaram, seu interior se desmanchava de forma caótica, incontrolável, estômago, pulmão, coração, tudo era uma coisa só, uma mesma massa sem forma definida, sem padrão, sem divisão, sem ordem. Tombou. Caiu.

Os dois, entre a surpresa e o susto, saíram correndo, deixando a porta aberta, Vanny histérica e Agenor jogado no chão, sem sapatos.

Feliz. Sua boneca francesa estava salva.

Quando ligaram avisando, Dona Maria das Dores não acreditou. Entrou em desespero. Seu único filho, como podia? E tinha certeza de que o local em que encontraram o corpo foi uma armação, uma sórdida armação. Assaltaram seu bebê, mataram e depois o jogaram naquela casa imunda. Bandidos dos infernos! Este mundo está perdido, só há salvação no outro. Providenciaria para seu filho um enterro digno, limpo, austero,

como ele merecia. Uma coisa, porém, Dona Maria das Dores nunca compreendeu e nunca teve coragem de comentar com ninguém: o sorriso lascivo, desordenado, torto, de Agenor, seu nonôzinho, seu santo menino, naquela foto de jornal.

# *As coxinhas da Dona Maria*

**Simone Galan de Figueiredo\***

Dona Maria chega na padaria cedo pela manhã, antes de ir para o trabalho, e aponta duas coxinhas escolhidas para matar a fome. Calça xadrez, chinelos de dedo, cabelo grisalho-encaracolado e pele morena escura, segura com rigidez a sua bolsa a tiracolo sobre seus ombros meio arcados-tensos. Parece que o peso do trabalho talhou o seu corpo franzino e o tempo, cúmplice, o deixou rendido.

Atendida no seu desejo, segura os dois pequenos pacotes com a sua comida e dirige-se à moça da caixa registradora. A menina, concentrada, inicia um ritualístico movimento dos dedos na busca frenética da soma: teclas, números, teclas, números, plim-plim, abre-se a gaveta: 20 reais.

Dona Maria abre a bolsa e procura, procura, procura. Contorce-se como que pedindo desculpa por estar excedendo o seu tempo na fila. Acostumada a servir em silêncio e ciente do seu dever de invisibilidade ínsito ao seu trabalho como doméstica, se sente incomodada em ocupar um lugar, mesmo na fila.

---

\* Juíza do Trabalho da 9ª Região

Inspira e transpira e declara: – esqueci o meu cartão de crédito.

Do momento em que tais palavras ingenuamente proferidas se fizeram audíveis até o que seguiu, o tempo percorreu lentamente, colocando em suspense o que haveria de se passar.

Dona Maria certamente estava tentando dar um golpe: não tinha dinheiro para as coxinhas matutinas e resolveu alegar que esqueceu o cartão de crédito.

Cartão de crédito? Vá lá, não tem dinheiro nem para comprar sapatos e vem com essa? Se tivesse cartão de crédito, não comeria coxinha. E fica aí atrasando a fila. Aquela mulher de cabelos escovados e vestido de linho que esperava na fila logo atrás da Dona Maria, não disse isso, mas pensou. Ah, se pensou! Seus olhos desferiram um olhar ferino de preconceito contra aquela figura proletária. E suspirava impaciente por estar perdendo tempo com essa situação patética.

Alienado na tela do seu celular, o estudante que aguardava logo depois na fila por pouco não deixou o saco de pão desabar – estava tentando dividir sua mão esquerda entre segurar o pacote e pressionar o botão do jogo da tela que explodia em cores na sua cara. O pé sacudia ritmado, acompanhando a velocidade dos movimentos da mão – ele não estava ali, mas em algum planeta não muito próximo. Era uma espécie de alienígena digital com sua máquina voadora virtual sobrevoando o presente e a realidade. Eis que o pão caiu e espalhou-se pelo chão.

Ainda sobrava uma senhora na fila. Um tipo daqueles grisalhos-fora-da-idade, com roupas coloridas e que parecia comovida com a situação da Dona Maria. Olhava angustiada por sobre os ombros dos que lhe antecediam na fila, no afã de que não, de que não – não, a moça do caixa não falasse para a Dona Maria aquilo que viu e ouviu tantas vezes: – Sinto muito, mas

se a senhora não tem como pagar vou estar devolvendo as suas coxinhas. Pensava que a Dona Maria tinha fome e que deveria já ter sofrido tantas humilhações na vida e que não era justo privá-la de uma coxinha, ou melhor, de duas coxinhas. Pensou que a Dona Maria deveria estar com frio com aqueles chinelos de dedo num dia em que todos estavam com sapato fechado. Pensou como foi a infância da Dona Maria, na sua falta de oportunidade, na escola que não esteve, de que talvez nunca tenha sido cortejada como mulher, que talvez nunca tenha sonhado muito grande, e pensou no futuro da Dona Maria. Se sentiu triste.

Cúmplices na espera e da tensão do momento, todos voltam repentinamente os seus olhares para a inesperada reação da moça do caixa. – Não se preocupe Dona Maria, eu vou deixar anotado aqui o valor e amanhã ou outro dia a senhora vem e paga! Essas coisas acontecem com todo mundo!!!

Pausa. Tais palavras ecoaram soberanas por frações de segundo, encerrando a lentidão da expectativa. Dona Maria, sem entender completamente o que estava acontecendo, evita ampliar o olhar. Se sentia em dívida com o tempo de espera que havia roubado dos que estavam na fila. Pega os dois pacotes, já planejando comer uma das coxinhas enquanto ia para o trabalho e a outra no jantar. A bolsa a tiracolo sobre os ombros arcados e os chinelos de dedo caminham para a porta da saída.

Próxima, grita a menina do caixa.

Golpista de sorte. Não disse, mas pensou “aquela”, antes de pagar a sua conta com o seu cartão estrelado. Junta seus pacotes e se retira equilibrando-se no seu salto alto e movendo-se no ritmo do tilintar das chaves que exibia dependurada na lateral da sua bolsa.

Próximo.

Ganhei o jogo pensou o estudante. Introspecto em sua “virtualidade”, não conseguiu entender por que a Dona Maria não transferiu o dinheiro do e-banking. Paga e se retira.

Aproxima-se do caixa espontaneamente a última da fila. Havia tomado apenas um cafezinho para despertar, o qual pagou com algumas moedas. Aliviada, pensou que o mundo tem boas e inesperadas surpresas e foi caminhando porta afora, pensando o que teria feito se o fim da estória fosse diferente.

# Cinco chamadas

Daniel Souza de Nonohay\*

O som digitalizado persistia. Forçou-se a ignorá-lo. O vento enfiava mãos no cabelo da sua parceira. O mundo era pintado em pinceladas grossas e descuidadas de negro e vermelho no entorno da fogueira. Ouvia o barulho suave dos movimentos do mar. Ele estava ali, a alguns passos. Era uma certeza sem provas. E de novo o som alarmista se sobrepôs a tudo. Uma faca destroçando a harmonia. O som cessou. A cada trégua, uma esperança. A cada novo toque, uma frustração. Ao seu redor, dezenas de figuras indistintas. Sua mente fez um último esforço para adequar os chamados ao cenário e desistiu. O toque do celular enroscou-se na sua consciência e puxou-o dali.

A realidade insiste em se fazer tornar realidade.

Acordou assustado, ainda com as mãos no volante. A sinaleira apresentava um verde chamativo, que não era ofuscado sequer pela claridade daquela tarde. Olhou sobressaltado ao redor. Não havia outros veículos. Ele e o seu carro estavam sozinhos na rua, naquela unidade sedimentada por mais de uma dezena de horas trabalhando juntos, em centenas de dias seguidos.

---

\* Juiz do Trabalho da 4ª Região



Balançou levemente a cabeça, como que para deixar cair os pedaços do sonho que se agarravam a ela. Quanto tempo permaneceu dormindo? Segundos? Minutos? O celular ainda tocava. Olhou para a tela em cima do painel. A vigia incansável, que lhe observava por todo o dia, brilhava com a foto de Dora.

Resistiu antes de atender. Uma hesitação provocada pela última ponta de orgulho, cultivada em um vaso de amor-próprio que encolhia dia a dia. Sua resistência durou mais dois toques.

– Que demora! Está dormindo?

Ele não conseguiu deixar de dar uma pequena risada triste.

– Estou dirigindo, Dorvalice. – Ela detestava o seu nome e ele sempre dizia que ela tinha razão. Isso a deixava ainda mais brava. Dizê-lo era a sua pequena vingança por ter lhe retirado daquela beira de praia. – O que tu quer?

– Preciso ir na faculdade. Me busca aqui em casa. – Nada na voz dela acusava que tivesse percebido a provocação.

– Não posso, estou indo buscar um passageiro – mentiu.

– Então cancela a viagem e vem aqui!

– Tu sabe que eu não posso cancelar. Chama alguém pelo aplicativo, como todo mundo.

– Não. Pelo menos para dirigir confio em ti. – Aí estava. Ela não só tinha ouvido a provocação, como a devolveu. – Quando terminar a corrida, me busca. Avisa quando estiver chegando. E não demora!

Ela desligou sem lhe dar tempo de responder. Baixou o tapa-sol e olhou-se no espelho minúsculo. Os olhos estavam um pouco vermelhos. Afora isso, a imagem apenas testemunhava as imperfeições de sempre, aprofundadas pelo cinzel dos seus quarenta anos. Abriu o console ao seu lado e retirou a pílula de cafeína de um pote já quase esgotado. Ela desceu com alguma dificuldade pela garganta seca. Não deixava de se surpreender com o poder que Dora ainda exercia sobre ele.

Como se estivesse acorrentado aos remos de uma galé, empurrou a alavanca de câmbio e deu movimento ao carro.

--- xxx ---

A loira vistosa, que em verdade era morena, abriu a porta e atirou-se no banco ao seu lado. O mesmo lugar que ocupava nos sete anos de duração do casamento. *Talvez a única coisa que permaneceu igual*, pensou. A saia vermelha e solta, em tecido fino, subiu durante o movimento dramático de entrada, deixando hectares de coxas expostas ao sol e desafiando o seu olhar. Ela fez questão de não se ajeitar. Ele fez questão de não olhar diretamente. Um jogo tenso de nada fazer. Tentava captar, contudo, o máximo possível da cena com o canto dos olhos.

– Vamos, senão vou chegar atrasada.

A voz era carregada daquela agressividade em baixa voltagem, que passou utilizar com ele a partir do momento indefinido onde o amor cansou e foi ultrapassado pelos problemas cotidianos. Talvez ela sequer notasse. A agressividade tinha se tornado a linguagem natural dos dois. O rosto perfeitamente maquiado era uma fachada proposital de indiferença. Ele conhecia aquelas máscaras e o que estava por detrás. Por algum tempo, foi-lhe permitido ir além da aparência. Tiveram um conexão verdadeira. Ou assim, ao menos, gostava de imaginar. Além da roupa e da maquiagem, o perfume que se espalhou pelo carro denunciava o esmero dela ao se arrumar. Sabia que aquele cheiro o acompanharia por algumas horas, entranhado no carro, como se a máquina também gostasse dele. Aquela produção seria para se mostrar a ele? O trânsito os recebeu, enquanto ele mergulhava silenciosamente em antigas dúvidas.

O ar gelatinoso manteve-se por todo o caminho. Qualquer inexperiente em separações, afirmaria ser impossível ter, um dia, grassado felicidade naquele convívio. Ele não entendia bem por que continuava o chamando para levá-la de um lado a outro. Era como se fosse forçada a continuar revisitando o campo de

batalha e conferindo os seus escombros. O silêncio somente foi interrompido quando carro parou.

- Não esquece do jogo do Luiz na sexta. Ele só fala nisso.
- Claro que não vou esquecer.

--- xxx ---

A senhora era mínima. Ele abriu a porta e segurou a mão recoberta pela luva de seda, acomodando-a na imensidão do banco traseiro. Já transportara, em suas cadeiras especiais, crianças maiores do que aquela delicada velhinha. Por sob a aba do chapéu e antes do início do elegante vestido creme com bordados, via-se um pequeno sorriso. Tudo gritava graça e fragilidade na simpática anciã. Dirigiu desviando dos buracos e evitando quaisquer acelerações e freadas bruscas, com o medo inconsciente de que a porcelana da qual ela aparentava ser feita se desfizesse sob a sua responsabilidade.

- A senhora está muito bem vestida. Indo para alguma festa?

- Obrigada. - A voz era surpreendentemente alta e firme.  
- É a festa de formatura da minha bisneta. - Olhou para o próprio corpo, como que surpreendida pelo que vestia. - Usei esse vestido no casamento do Jango com a Maria Thereza.

Ele a olhou pelo retrovisor. O sorriso mantinha-se inalterado. Fez um cálculo rápido. O casamento tinha ocorrido há cerca de sessenta e cinco anos. Concluiu, alarmado, que aquilo poderia ser verdade. Também poderia ser apenas uma brincadeira dela. Ficou curioso, mas resolveu não perguntar, pois poderia ofendê-la. Optou por um gracejo protocolar.

- A senhora já tem uma bisneta? Nunca diria.
- O senhor é um galanteador. Não parecia. São os piores. Os que não parecem.
- No que ela está se formando?

– Geografia. Coitada. Se tivesse entrado para as Carmelitas Descalças, não faria um voto de pobreza tão forte.

Ele sorriu. Decidiu gostar daquela senhora.

– Pois eu sou formado em História. Entendo o que a senhora quer dizer.

– História? – Ela olhou para ele e para o carro, inclinando a cabeça um pouco para o lado e levantando brevemente as sobrancelhas, como se aquilo resumisse o seu ponto.

– Dei aula alguns anos. Gostava bastante.

– E o que aconteceu? Desistiu?

– Fui “desistido”, na verdade. – Pensou se queria falar naquilo, mas foi levado pela simpatia. – Dei aula por quase dez anos. Daí quiseram me despedir e recontratar como se fosse uma empresa. Achei aquilo um absurdo. Acabaram só me despedindo.

Ela apenas balançava a cabeça, concordando. Ele continuou, tentando resumir suas recordações, justificando-se tanto para ela quanto para si próprio.

– Fizemos alguns protestos. Envolvemos professores de outros colégios. Mobilizamos o sindicato. Não deu em nada. Em verdade, deu sim. Quase nenhum dos que protestou conseguiu outro emprego. Ficamos marcados. Nem respondiam quando enviava um currículo. – Deu um suspiro e emendou. – De qualquer maneira, ninguém mais quer empregados, só “pejotas”.

Apontou para a foto do filho sorrindo no celular à sua frente. A dúvida lhe assaltou. Há quantos dias não via o Luiz? Desde a terça da semana anterior? Não conseguia se lembrar. Ali sentado, os dias diluíam-se na mesmice. Não haviam inventado uma máquina de viagem no tempo, mas já havia uma máquina de pasteurização do tempo – era o carro de um motorista de aplicativo. Emendou a conversa, depois de um permanecer com o dedo no ar por alguns instantes.

– Tenho um filho. O dinheiro acabou logo e... – fez um gesto com os braços, como se mostrasse o carro – tornei-me um “empresário do ramo de transportes”. – A pompa que empregou quase ocultou a amargura que sentia.

O sorriso da senhora sofreu um breve eclipse. Ela se esforçou para desenterrar-se do meio do banco e colocar a mão enluvada no ombro dele.

– A gente faz o que tem que fazer, meu filho.

--- xxx ---

A ponta vermelha com farol aceso entrou na sua frente, saindo em velocidade de uma garagem. Invadiu metade da faixa de rolamento e parou, tornando-se uma barricada de metal. Não havia tempo ou espaço para frear. Jogou o carro para a direita. Os pneus soaram reclamações finas e esganiçadas, enquanto um para-choque passava a centímetros do outro. Pisou de leve no freio e corrigiu a trajetória, trazendo o carro de volta para a pista da esquerda. Ele gingou de um lado a outro, até se aquietar. Tudo passou tão rápido que sequer teve tempo de xingar o motorista-do-bico-vermelho.

Ainda sob o efeito da adrenalina, virou-se para se desculpar com seu passageiro. Ele sequer parecia ter notado. Continuava absorto no seu celular, que segurava com as duas mãos colado ao peito. A cabeça dobrava-se para baixo em um ângulo improvável. Pensou que a musculatura do pescoço, como as demais, se desenvolvia com tempo e treinamento. A confirmação do nome do garoto que usava touca de lã preta mesmo no calor daquele final de tarde foram as únicas palavras que trocaram.

Além do pescoço adestrado a novas funcionalidades, achava incrível como a nova geração havia desenvolvido a visão periférica. Costuma olhar os alunos entrando na sala. Praticamente não precisavam mais olhar diretamente para nada. A atenção era dedicada à tela. O resto executava-se de forma automática. A interação com o mundo físico estava sendo relegada a movimentos parassimpáticos.

O silêncio do garoto dava-lhe tempo para pensar. Aliás, rodar pela cidade dava-lhe tempo demais para pensar. E a imaginação, que costumava usar como asas, era hoje sua carcereira. Estava duplamente custodiado: por aquele carro e por si mesmo. Suas reflexões, remorsos e ressentimentos pareciam ganhar substância e peso a cada dia. Entulhavam-se na sua mente, obstruindo o caminho das ideias como a gordura nas veias. Não havia mais pensamentos claros; todos acabavam sujos, depois de tocados por sua infelicidade.

A separação fora o seu Tratado de Versalhes. Nele, entregou os sonhos e recebeu tristeza em troca. Ficou brabo. De que lhe adiantavam essas referências históricas agora? Mesmo assim, as recordações fluíram em flashes rápidos e cada uma delas lhe apontava um dedo, aumentando o placar da sua culpa. Viu-se deitado no sofá-cama do quitinete que dividia com os dois dos melhores-amigos-para-toda-a-vida, com os quais não falava há anos, tendo conversas alucinógenas sobre o futuro. O apartamento do qual ele só saiu quando foi admitido na sua primeira escola e quando Dora – a cobiçada morena da faculdade de economia, que a cursava como uma *sommelier* de cadeiras, provando apenas uma ou duas por semestre para não perder o paladar ou embriagar-se de conhecimento – aceitou a sua proposta para morarem juntos, contra todas as possibilidades.

Aquele futuro traduziu-se em um banco de carro, onde permanecia mais de quatorze horas diárias, sob o comando de algum ser imaterial, que comunicava as suas ordens por meio do aparelho celular.

Seu conhecimento de História atualmente servia, no máximo, para entreter um ou outro passageiro com passagens engraçadas, como a de Rainha Maria, a Louca, gritando da sua carruagem, na debandada da família real portuguesa para o Brasil: “devagar, senão vão a pensar que estamos a fugir!”.

O rapaz saiu como entrou, sem lhe dirigir um olhar.

Ele cerrou os dentes. A dor que sentia no lado esquerdo do peito deu uma pequena pontada, irradiando-se pelas costas. Ela às vezes mandava esses avisos, para não ser esquecida.

– EU NÃO VOU PAGAR MAIS DO QUE UM E DEZ!

Naquele ambiente fechado, sentia como se o grito viesse de um megafone posicionado dentro do seu crânio. Os berros contra o telefone sucediam-se desde o começo da corrida. A pontada no peito deu as mãos a uma crescente dor de cabeça. Pensar na mancha misteriosa, que somente o médico conseguia enxergar na confusa e borrada chapa de raio-x, deixava-o ansioso. Poderia não ser nada. Poderia ser muito. Era um problema presente, com revelações marcadas para um futuro distante. Novos exames seriam realizados dali a dois meses. Estava na fila.

– Tu não disse que ele PEDIA UM E DEZ, IMBECIL?

Seus dedos crisparam no entorno do volante, até as juntas ficarem brancas. O passageiro estava integralmente concentrado na sua raiva e não percebia a dele. Focou-se no seu problema. Tinha parado de fumar há dez anos, mais ou menos, quando Luiz nasceu. Não poderia ser consequência do cigarro. Ou poderia? O médico não quis lhe adiantar nada. Queria mais exames. Procurou tranquilizá-lo, mas a voz dele não transmitia tranquilidade. Isso era o mais perturbador. A contradição que percebeu no médico. Ou seria tudo a sua imaginação?

– Porra, claro que não! VOCÊ É MUITO BURRO!

Conteve o ímpeto de parar o carro. Olhou pelo retrovisor. Uma grossa corrente de ouro destacava-se em meio a camisa com botões abertos, no peito inflado pela musculação. Lembrou um vídeo que recebeu pelo Whatsapp, onde centenas de pessoas imitavam um enorme *coach* de vendas, dando urros e batendo no peito, sobre a legenda “reprogramação quântica e *mindset* para ganhar autoconfiança, tornar-se um vencedor e alavancar vendas”.

– UM E DEZ! – O telefone foi jogado no banco de trás.



Ao menos, o tormento daquela ligação havia acabado. Seguiu-se uma deliciosa quietude, até o homem falar para ele, em tom de desabafo.

– Empregados. Só nos fodem. Raça desgraçada.

Os olhos se encontraram no minúsculo retângulo do retrovisor.

– É um país de merda para gente como nós.

Os dedos esganaram novamente a direção. Acelerou, como que querendo fugir dali. O carro e tudo o que estava dentro o acompanharam, contudo.

--- xxx ---

Ele olhou para o relógio, indeciso. A corrida era boa e o dia havia sido fraco. O mês estava sendo fraco. O jogo do filho começaria dali a meia hora. O chamado para a corrida continuava piscando. Não era um pedido que tivesse resposta imediata. Conforme seus colegas diziam, corridas que começam no Bom Jesus tinham grande chance de acabar no céu. Se corresse, daria tempo. Não precisava chegar bem no início do jogo. Aceitou.

A grande aba do boné colorido tapava quase que inteiramente o rosto. Era jovem, mas não conseguiu definir a idade. A enorme camisa de algum time americano evidenciava a sua magreza. Trazia uma mochila preta e discreta, que destoava do conjunto.

Quando parou na primeira sinaleira, uma voz fina disse no seu ouvido.

– Parça, na tranquilidade. – Sentiu a ponta gelada e de um cano de metal pescoço, do outro lado. – Leva essa coisinha aqui, nesse endereço. – O passageiro depositou o que parecia um tijolo embrulhado no banco do carona. Depois, enfiou um papel no bolso do peito da camisa. – Entrega pro Tiago. Tiago, hein? Entendeu, tio? Ti? Parece lesado, não fala nada!



Ele balançou a cabeça, em uma afirmação muda.

– Então. Se fizer direitinho, vai ganhar cinco estrelas e gorjeta. Não tem segredo. Agora – o cano pressionou mais o seu pescoço – se der ruim, caiu a tua casa. Temos o teu nome direitinho, placa, fotinho e pá. Aliás, puta foto feia. Fica esperto. Entendeu tudo? – A cabeça fez outro sim. O garoto deu dois tapas no bolso onde tinha colocado o papel, abriu a porta e saiu caminhando na direção oposta a que estavam indo.

Ele tremia de medo e raiva. Aceitou a corrida contra os seus instintos e agora era um refém solitário dentro do próprio carro. Com dedos vacilantes, tirou o papel do bolso e leu o endereço. Era em Canoas. Conteve a respiração e seguiu para lá. Sequer olhava para o embrulho ao seu lado.

Tiago revelou-se um homem no início dos trinta anos, com uma gravata solta e colarinho aberto. Esperava-o ansioso na porta de um prédio comercial e lhe ofereceu uma nota de dez reais ao receber o embrulho. Fez questão de recusar. Afastou-se dali o mais rápido possível, sentindo-se mais aliviado a cada metro de distância. E então lembrou do filho. Tocado por uma nova urgência, acelerou.

O trânsito no final da tarde foi uma mão que o segurou sadicamente, largando-o só quando já era tarde demais. Ao chegar no ginásio da escola, ainda conseguiu falar com um dos amigos do filho, que lhe disse que Luiz já tinha ido embora para casa com o pai.

O "pai". O atual marido de Dora. Tentou ligar para o filho, mas ele não atendeu. Mandou uma mensagem para a ex-mulher, mas ela leu e não respondeu. Ficou perdido, sentado na arquibancada, olhando a quadra vazia. Afora a pontada no lado direito, sentia apenas um cansaço extremo.

Na sua mão, o celular vibrou, comandando outra corrida.

# Escarpas

Deizimar Mendonça Oliveira\*

Quando Maria Ramos foi designada para investigar um crime ocorrido no Alto Formoso, sabia que teria basicamente imagens.

O caso não era novo, renasceu depois que Alice Vander Léa alvoroçou suposto preconceito. O delegado faria pessoalmente a verificação, mas, depois, a delegou, tinha muita coisa importante para resolver!

A perita, assoberbada, pediu prorrogação de prazo depois de extrapolar em dez dias o limite inicial, sem que houvesse sequer tocado no material. Ao final, teve uma semana para que as cenas a dissuadissem da indiferença. Cumpriu seu dever e escreveu o laudo, mas não apenas isso, afinal, estava a um ano de se aposentar.

Não está claro se o texto complementar que redigiu é baseado em fatos, já que não há registros de que tenha entrevistado a vítima.

Eis sua história.

Alice movia-se com dificuldade, como se o corpo murmurinhasse um choro. Para desoprimir, procurava recurso nas ideias. Conjecturava que a maldade era inventada por

---

\* Juíza do Trabalho da 23ª Região

inteligência desviada, excepcionalidade mesma, encarnação infiel. O bem não é do mal o oposto porque há de ser virtuosa a procedência de tudo o que há nesse mundo. Se não, se o mal fosse ele mesmo uma qualidade inata, não haveria hiato para qualquer faísca de bondade. Mal é carência de bem – elucubrava – mas não é tudo. Parece que toda pessoa nasce com um pequeno horto, já brotando e logo forrado em flores delicadas e viçosas, beleza que põe cor nos olhos. Só que há semente de ervas e mato em toda parte. Tem gente que deixa crescer o mato e separa um bocadinho de flor para convencer a alma de que ali há um jardim. Tem gente com campo florido, mas aqui e acolá se acham brotos de capim. Entre todos, há quem pareça ter no capim a única coisa viva.

Carecer de bem pode levar, em certa medida, a um jeito de viver, porque se o mal não te apanha por dentro, pode ser adventício e te ceifar a esperança – quem nunca engasgou com um prato de maldade quente e inesperada?

Tinha pouca serventia, entretanto, verter esse assunto – o mal estava feito, seu corpo o sabia.

Depois de se levantar com dificuldade, Alice caminhava Tateando as paredes lisas, sem prestar atenção à dor. Aprendera que toda dor é suportável antes que te mate.

A noite estava alta, mas o calor não dava trégua – a cidade era inteira situada entre rochas. O ar quente lhe queimava os pulmões, misturando no peito todo tipo de dor; a secura do ar corria para dentro de Alice, aspergida como fumo, engasgando, asfixiando, inflamando.

Naquele horário, no Alto Formoso, as casas já estavam todas desacendidas, tomadas pelo silêncio notívago, até os bichos tendo já recolhido as patas. Fortuitamente, passou próxima a uma porta aberta.

Do pequeno rebentado de luz saíam risos, entremeados por ruídos, que poderiam ser de copos tilintando ou notas tamboriladas ou qualquer propriedade de uma celebração.

As risotas amontoadinhas como ninhadas lhe golpearam forte – o riso é ofensivo ao sofrimento; como o eram a graça, a euforia, a perfeição do revestimento das paredes e das pessoas imperturbáveis em seu vigor físico. Chegava a ser perversa a claridade alegrinha daquela porta. Mesmo assim, se detivera, queria ver por dentro daquela alegria, medir as alturas dos risos, contar quantidade, mas sua régua só tinha conta de um ressentimento crescente, bom seria se calassem as bocas todas!

Recostou-se à porta, alguém talvez quisesse compadecer-se e prestar-lhe socorro. Entretanto, dado que ninguém se aproximou – antes, os que ali estavam viraram-se para o outro lado, a pretexto de qualquer coisa –, carecia de continuar e Alice seguiu.

Era tão escarpada a descida que tinha que se segurar em alguma ranhura, andar às apalpadelas para não se esboroar. Firmar-se era impossível, aflitivo como para um pinto ciscar com um só pé. Desanimar era sempre uma opção sensível.

Poderia quedar-se e prostrada pedir misericórdia a algum viandante que viesse a compreender a amargura do isolamento, mas a impelia a continuar um sentimento íntimo de possibilidade. Era capaz de se ver restaurada, tecendo planos, arando o espírito com sonhos, pois rejeitava que também para os sentimentos pudesse haver subúrbios.

Embaralhada entre desistir e seguir, seguia. Desconhecia remédio, pois o socorro que buscava não se desenrolava apenas em ataduras. Parecia que a dor poderia amenizar-se com algum fresco para a alma. Mas risos não serviam.

O que precisava era de justiça, mas mal terminava de formular esse pensamento, esmorecia, indiferente. Buscar por justiça não lhe traria alívio, apenas orgulho.

Quando enfim chegou à delegacia, deparou-se com a própria ingenuidade, todo tipo de piada acompanhou a risada estrondosa que troou síncrona com o nome lido no documento.

Desta vez, não lhe desviaram o olhar, fixaram-lhe os olhos nos olhos, no corpo, em toda parte que pudesse conter um desafio, uma impertinência, um atrevimento, uma proeminência.

A revista silenciosa sentenciava "eis aqui uma abaixo de nós".

O estado de indignação acentuou-se, então, mais em seu espírito do que no corpo. Ali não encontraria asilo.

Apalpava mais as paredes quando saiu do que ao entrar, como se a fragilidade finalmente a alcançasse. Não valia clamar por seus direitos – sabia que os tinha, mas a palavra garantida não assegura a coisa em si, é como a linha do horizonte, tão certa como inatingível.

Pensamentos confusos a dominavam enquanto fugia daquele covil – ainda a assaltavam memórias da violência bárbara que sofrera. Talvez o mal não fosse excepcional. Como poderia ser apenas desvio do bem se a maldade estava em toda parte?

Porém, considerou infame essa dúvida, a arbitrariedade dos pensamentos não seria capaz de marginalizar seus desejos, não estes. Sonharia enquanto fosse possível antes de subjugar-se.

Acabava de se endireitar após um escorregão e limpava os joelhos esfolados quando um homem correção a abordou: ao sair da repartição estava agitada demais para ouvir os gritos de que sua identidade havia sido esquecida.

– Não estava desse modo agitada – redarguiu.

– O quê? – O homem disse com uma expressão curiosa – sacudindo os braços e empurrando tudo à sua frente? Uma fera incontida!

Um animal? – Perguntaria se não soubesse ser inútil.

Arrancou o documento da mão do homem e apressou-se em dizer que nada poderia dar-lhe, estava sem qualquer condição.

Faria o mesmo por qualquer pessoa, ele disse.

Alice desejou que a palavra fosse viva, que o dito fosse fato, que substantivos fossem concretude.

O homem virou as costas e retornou de onde veio, sem sorrir. Desconhecia que seu gesto era um afago silábico, um empréstimo de uma condição alheia, como quem cede um par de calçados por um instante.

A despeito de possuir muito pouco, algo dentro dela era difícil de arrancar, como se a aflição acorrentasse no peito para cada ofensa uma esperança, um anseio para cada pecado.

Amanhecia quando pisou o último degrau. Abaixo dali, não havia cidade, mas não era a única a morar no Baixo Formoso, havia toda uma vila explodindo.

Já tinha comércio aberto e um televisor exibia gente preta dançando funk. Não ouviu a melodia, mas os quadris remexendo na tela lhe inspiraram.

Seguiu caminhando, como se não houvesse em seu corpo marcas de chutes e socos, que não doíam tanto como ter perdido os dentes! Jamais esqueceria o ruído da pedra que a atingiu na boca. A desiludia compreender que aquele crime odioso tinha muitos coautores. O mal não se esgota em ilícitos, não se consome apenas na violência física, não se exaure em um sujeito, ele tange ninharias e transcende subjetividades.

A sorte é que o bem é também transcendente.

Uma adolescente que subia a ladeira da rua Primeira no momento em que Alice chegava em casa a interpelou, assombrada por seu estado geral, mas principalmente, pela tristeza em seus olhos. A menina era pequena, tinha um porte quase infantil, mesmo assim amparou Alice e seu corpo alongado e ossudo, estendeu-lhe os braços, envolveu-a pela cintura para ajudá-la a chegar em casa. Antes que entrassem, sentaram-se por um momento em um batente, Alice estava tão envergonhada!

– E que vergonha há em ser árabe? – Perguntou, divertidamente, a adolescente.

Alice não teve resposta, apenas riu, acanhada.

A mocinha contou histórias, a fez rir outras vezes e somente quando afastou os cabelos de Alice e tocou seu rosto com os dedos miúdos, deixando o vazio dos não-ditos minar as palavras, somente então Alice chorou.

Foi essa garota que Maria viu no palco pouco mais de dois anos depois.

A perita, depois de se aposentar, arrumou ocupação eventual, como fiscal de bilheteria. O evento era grandioso, a fila dobrava o quarteirão. Mas Maria, embora gostasse muito de música, não apreciava funk e, por isso, nem deu atenção aos nomes das pessoas que se apresentariam. No entanto, quando viu a menina, teve certeza de que ela e, para sua surpresa, também Alice, chacoalhavam os quadris, brincavam com as vozes, arrancavam gritos do público. E na plateia abobalhada, viam-se dezenas de homens como os que violentaram Alice naquela noite.

Não é demais esclarecer que o inquérito nunca foi concluído, apesar de Ramos haver feito seu trabalho com o esmero que talvez jamais empregara antes, a não ser no início da carreira.

Um dos embaraços é que não dispunham de sons, apenas imagens de câmeras de rua, estabelecimentos comerciais, estacionamentos, residências. À parte de vê-los sacar a bolsa que Alice portava a tiracolo e derrubar seu conteúdo, vasculhando entre os pertences algo para a assombrar, como o batom que esfregaram ao redor de sua boca enquanto tocavam seu corpo, e desferir dois 2 socos, 19 chutes, uma pedrada, uma cusparada, a policial nada viu. Não possuía elementos que vinculassem os três agressores a uma motivação para aquela covardia.

Tampouco compreendia a visita não protocolar feita pela polícia à casa da própria vítima, onde foram encontrados poucos objetos para além dos escassos móveis desgastados e minguadas

mudas de roupa: uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, duas perucas baratas, um pequeno estojo de maquiagem roto já sem todos os tons de pó facial, três batons consumidos pela metade, uma camisola com motivos de flores delicadamente estendida sobre a cadeira, um bilhete de mega-sena com seis números apostados, um jornal contendo um círculo sobre um anúncio de emprego, pôsteres de cantoras como Cher, Madonna e Ludmilla colados na parede e um bloco de notas onde se lia Liniker, 23h, Alto Formoso.

Eram agora reminiscências que pairavam no ar enquanto se ouvia o tusc-tusc do funk e a voz materializando suas sentenças, ao modo peculiar, simples, direto daquele estilo musical.

A cantora fazia performances, trocava de roupas, trocava de brincos, trocava de sorriso, trocava de dança e seguia controlando a multidão.

*Sai da frente que sou gente, sou assim porque sou livre,  
sou potência e sou intensa porque é assim que quero ser.  
Avisa o Delegado que eu não sou silêncio,  
sou palavra que acontece,  
mais do que ele que padece  
sem se reconhecer.  
Sou fulana, sou humana, sou sujeita, me respeita!  
Ninguém vai me parar, ninguém vai me desacatar,  
ninguém vai me violar, eu vou me multiplicar.  
Sou povão e vou ser multidãaaaaooo.*

Outras músicas seguiram na mesma toada, com Alice fazendo variações de seu próprio nome, sua imagem, sua voz, sua figura. Havia, talvez, aberto uma frincha no simulacro da normalidade.





# Fotografias

Jairo Vianna Ramos\*

Afonso se sentou na sala de visitas, no sofá, ao lado da esposa, Odília. À sua volta, no espaço entre o assento e a parede, perfilaram-se os familiares. O namorado da neta mais velha, ainda não incluído à vera na família, encarregou-se de fotografar. Afonso completava, naquele dia, oitenta anos de vida. Lembrou-se da primeira esposa, falecida tragicamente num acidente. Ela gostava de fotografar. Odília, a segunda e atual, era avessa, como ele, a festejos. A aparição de filhos, genros, noras e netos era uma novidade. Naquela ocasião, o achegamento decerto se dava pelo avanço da idade. Os retratos avisavam-no da proximidade do fim. As pessoas gostam de retratar crianças, porque as fotos documentam o crescimento e aprisionam a idade passante. No resto da vida, as fotografias se resumem a ocasiões especiais, como casamentos, formaturas, viagens e coisas assim. No declínio, os velhos são objetos de retratos lembradores da existência, que servem para que se mostre aos outros uma prova da vida pregressa do finado. E, naquele dia, durante o clarão do flash, Afonso se sentiu velho. Tentou se agarrar a Odília, mas ela, quinze anos mais nova, pareceu-lhe filha também. Encerrada a sessão de fotos, filhas e noras lhe traziam salgadinhos, sempre com um não coma muito que faz mal. Os filhos vinham com

---

\* Juiz do Trabalho aposentado da 3ª Região

refrigerantes. Ele, cervejeiro inveterado, recusava e, depois de breve debate, passaram a lhe oferecer cerveja, mas sempre com um não abuse, papai. Afonso então pensou nos retratos como previsão de sua morte. Sentiu calafrio. Festa macabra. Decerto pensavam em guardar as fotografias para, no futuro, dizerem:

– Olha esse retrato. Aqui estão o seu avô e você quando pequeno.

Ou ainda:

– Veja o seu bisavô. Eu sou esse menino ao lado dele.

Afonso era sadio, caminhava, dirigia o próprio carro e bebia cervejas no bar da esquina com seus amigos. Às vezes uma cachaça, se fosse da boa. Tanta cerimônia o deixou preocupado e desconfiou que a família soubesse algo por ele não percebido. Fizera recentemente exames e o médico lhe dissera que estava tudo bem, considerada a sua idade.

Considerada a idade. Nem tão velho se sentia. A lembrança desse complemento da conclusão do médico o torturou. Foi beber escondido da família num canto do quintal. Ninguém sentiu sua falta. Carta descartada. Mais um copo. Outra visita sorrateira à cozinha e um prato de linguiça assada. De volta ao quintal, ele sentiu o sabor da gordurosa iguaria. Outro copo. Dois netos passaram correndo e foram brincar num balanço que ele fizera havia muito tempo, quando os filhos eram pequenos. A nora veio olhar as crianças e o pegou em flagrante desvio de conduta, mordendo um comprido pedaço de linguiça, para depois sorver um bom gole da gelada. Deu o alarme. Logo a festa se transferiu para o quintal e se acabou para Afonso.

– Pai, não pode comer essas coisas nem beber tanto. Olha a saúde! – disse o filho mais velho, o preferido, agora castrador.

No dia seguinte, Afonso voltou à rotina, cabreiro com a saúde. Sem nada dizer à mulher, voltou ao médico. Esse lhe disse que estava tudo bem e lhe mostrou o prontuário. Talvez somente

devesse tomar umas vitaminas, mas só se quisesse, e receitou. Desse dia em diante, Afonso levava o comprimido para tomar no bar, empurrado com uma talagada de cachaça, para gáudio dos companheiros. Outros aniversários solitários vieram.

Ao completar oitenta e cinco, Afonso foi novamente surpreendido com a festa. O namorado da neta era outro, mas também foi encarregado de retratar a família reunida. Havia novos netos. As recomendações de sempre com relação à comida e à bebida. Afonso acendeu um charuto que ganhara de um amigo e quase foi vítima de agressão, tamanha a revolta dos filhos e demais familiares. Só Odília não se manifestou. Dos oito filhos, somente os dois últimos eram dela. Algumas vezes se metera e dera confusão, daí preferir o silêncio. Retiraram-lhe o cubano, que foi jogado pela janela e caiu no quintal. Afonso chamou Lucineia, a moça que trabalhava na casa. Pediu-lhe, ao pé do ouvido, que fosse pegar o charuto, o apagasse e o guardasse. Ela cumpriu a missão, discretamente. Os retratos. Crianças no colo. A foto coletiva na mesma posição da anterior. Salgadinhos proibidos. Cerveja? Nem pensar! Como o quintal tornou-se esconderijo sabido, ele se homiziou no quarto, alegando cansaço nunca tido. Odília lhe levou uma garrafa de cerveja, um copo e uma porção de camarões, sem que a vissem. Beijaram-se. Ela saiu.

Aos poucos, os familiares se foram. Ele se sentou à mesa, chamou Lucineia e a mulher, acendeu o charuto salvo e bebeu duas garrafas da gelada.

Seguiu-se novo período de esquecimento. Às vezes, um filho telefonava para perguntar sobre a saúde, nunca se era feliz. Os natalícios se sucederam na doce solidão do lar e na alegria do bar, entre um gole e outro.

Ao completar noventa, Afonso pensou que seria esquecido de vez, já que eram quinquenais as festas da família e ninguém havia chegado. Ele ainda bebia suas cervejas, embora a sua

turma do bar houvesse diminuído, porque muitos foram para o além, como gostava de dizer. Ainda dirigia o carro, agora antigo, porque seus percursos eram curtos e desaconselhavam qualquer investimento em automóvel. Resolveu dar uma volta na rua, mas, ao abrir a porta, deu com os familiares agrupados na entrada da casa para a surpresa. A velha pose para uma nova fotografia. Alguns filhos de cabelos nevados, outros calvos, as filhas senhoras, a neta mais velha uma mulher. Os enjoamentos de sempre, as censuras e fim de festa.

Novo quinquênio de esquecimento, telefonemas e uma ou outra visita rápida.

No aniversário de noventa e cinco anos, Afonso ainda bebia cerveja e flanava pelo quarteirão. Odília caminhava custosamente, auxiliada por andador. Não fosse Lucineia, ainda forte e fiel, teriam dificuldades. Embora sempre reclamasse da horda invasora de sua paz nos aniversários dos finais zero ou cinco, ele se impacientou com a ausência da família. Às nove da noite, a esperança esvaiu-se. Sentiu o amargor do abandono. Pediu a Lucineia que colocasse uma gelada na mesa onde estava com a esposa e a convidou para que se sentasse também. Pegou as cópias das fotografias dos aniversários anteriores. À medida que reconhecia os fotografados, tecia um comentário. A maioria não veio por ter algo melhor a fazer. Alguns eram mortos! Espantou-se ao se lembrar dos descendentes finados. Lucineia se sentou com o casal, deu um beijo na testa de Afonso e lhe desejou feliz aniversário. Ele enxugou as lágrimas, pegou o copo e bebeu a cerveja. Tossiu para espantar a rouquidão e o soluço contido. Disse:

– Sinto saudade deles...

# João Merda

**Fábio André de Farias\***

*Essa vai para o meu amigo Pablo. Grande escritor e compositor, mas, principalmente um grande professor das coisas da vida.*

Acabara de chegar em frente ao prédio da associação. Era um pouco mais que 17 horas, o dia havia permanecido meio cinza, algo como se quisesse chover ou simplesmente deixar todos à espera de que assim acontecesse, portanto, aqueles que foram à rua, menos ele, tinham um guarda-chuva ou uma sombrinha à mão. Mas, àquela hora a expectativa havia se dissipado e o dia havia se tornado cinza mais pela proximidade da noite do que da chuva.

Descera do carro auxiliado por seu motorista, aquele acidente ainda lhe causaria muitas e inimagináveis consequências. Ainda bem que àquela altura de sua dedicação profissional pelo menos esse reconhecimento o Estado lhe dera: um carro e um motorista. À frente do prédio, um imponente edifício, todo espelhado, lembrou que não vinha à associação há quase um ou pouco mais que um ano. Durante esse longo

---

\* Desembargador do Trabalho da 6ª Região

período teve que se livrar das consequências de um tormentoso divórcio. O afastamento, num primeiro momento aconteceu por conta das eventuais depressões que teve todas as vezes que a sexta-feira lhe batia à porta e ele lembrava que estaria mais um final de semana sozinho. Num segundo momento, ele ainda não tinha ideia se havia sido pior, enchera-se de pessoas à sua volta, "a mais ampla fauna de inúteis afetivos que ele poderia ter se cercado". Mas, finalmente havia voltado à realidade. Um pouso com muitas turbulências, mas, encontrava-se agora no deserto do real ou, pelo menos, no deserto da sua realidade.

Olhou a entrada do prédio, achou-o um pouco suntuoso. Nada de mais se não fosse o entorno de miseráveis que, se não podiam mais ver o pôr do sol por conta daquele paredão, pelo menos podiam usufruir o seu reflexo azulado que a edificação permitia. A política de segurança do local pareceu-lhe exagerada, pois, mesmo ele teve que se identificar e tirar aquela inconveniente fotografia. Não entendia o porquê de tal exigência direcionada a ele, mas, considerando os cotidianos eventos de violência, que a nada respeitava, contentou-se e seguiu as orientações da mocinha que lhe pediu o nome e o CPF. Brincou com ela e perguntou se ele estava bonito na foto, ao que ela, não sem uma evidente timidez, respondeu que sim.

Dadas as informações de praxe, o que ele esperava nunca mais ter que fazê-lo, dirigiu-se ao elevador. Seriam 28 andares de subida quando então poderia desfrutar do real motivo que o levara ali. Não propriamente para conhecer a nova sede, inaugurada há pelo menos seis meses. Da sede tivera ótimas referências, bem localizada, com um estacionamento que ele nunca precisaria, mas, "é sempre bom ter sem precisar do que precisar sem ter", decoração de bom gosto, embora tenha gerado enormes conflitos pelas constantes taxas extras cobradas aos associados. As pessoas pouco lhe interessavam. A maioria lhe era indiferente a existência e em relação aqueles que não o eram, ele os encontrava constantemente. Ou seja, estava ali

exclusivamente pelo evento, uma bela tarde de degustação de vinhos.

Apesar de tanto tempo distante ele tinha certeza que a associação não perdera o bom gosto do passado e que faria valer aquele momento. Estava um pouco atrasado, mas, não tanto a ponto de perder o melhor da festa, pelo menos assim desejava. Se a diretoria tivesse o mínimo de gosto reservaria o melhor para o final. Mas, conhecendo como conhecia aqueles novos-ricos que ascenderam exclusivamente por conta de um cargo público e que não tinham o menor apreço pelo que há de sublime na vida, temia que o pior acontecesse. Achava de um extremo mau gosto os vinhos verdes que informaram no convite, mas, teria que suportá-los se quisesse chegar ao motivo de sua vinda. Obviamente que adoraria chegar atrasado o suficiente para não ter que prová-los, os verdes, e também os rosés. No entanto esse desprezo não era tanto a ponto de se ver excluído do *gran finale*, a degustação dos tintos. Neste ponto havia achado as escolhas do presidente da associação de muito bom tom, afinal, "apesar de tudo nosso presidente era um homem viajado e conhecedor das coisas boas". Tinha a certeza que ele só consentira determinadas coisas pela sua posição de político, "político tem que agradar a todo o mundo".

O Partridge Gran Reserva Malbec é ótimo, pensou. Tem um aroma de frutas maduras, um toque herbáceo e uma leve nota amadeirada. O Venko Colio guardado em barris de cedro, com leves lembranças de alcaçuz e sua tonalidade forte era simplesmente imperdível. Por fim, apesar de um preço bem baixo, nada substituía o Barahonda. Se este momento já tivesse passado, o que imaginava ser possível dada à estranha mania de se confundir sabor com preço, ele simplesmente daria a volta a iria embora. O Barahonda ele havia conhecido em boa companhia. Tão boa, que ele não sabia se fazia outra confusão bem comum da acompanhante com a bebida. O Barahonda possui um *blend* de monastrell com syrah, seu aroma de frutas negras,



com toques terrosos, de couro e especiarias que lhe lembravam o forte perfume de sua mais recente ex-namorada. No entanto, o que impressionava no vinho eram suas notas amadeiradas e taninos maduros, fortes como aquela mulher de personalidade firme que não aceitara que ele viajasse sozinho a Paris e, por isso, lhe ameaçara com a separação. O que não adiantou muito, posto que ele fora só para provar que ia e ela rompera apenas para, também, provar que tinha coragem de deixá-lo.

Nos 28 andares que se seguiram pensou o motivo pelo qual se atrasara tanto. Ele havia descumprido uma promessa antiga de nunca mais fazer uma audiência à tarde, quanto mais numa sexta-feira. Como tantas outras promessas descumpridas, essa lhe causara profundo arrependimento. Mas, o caso parecia merecer uma atenção humanitária maior. O morto era uma grande história de merda em cima de merda. Trabalhava numa dessas empresas especializadas em limpeza de fossas residenciais. Apenas uma merda de país ostentaria tão baixos níveis de saneamento básico a ponto de precisar de uma empresa de coleta de dejetos que dava um emprego de limpeza de parede de bosta. Um emprego de limpeza de merda só podia ser desempenhado por quem vive na merda, qualquer um que possa viver de mijo jamais aceitaria um emprego de bosta. O foda é que o cara havia descido na fossa e desmaiou. Tivesse ele caído com a cara para o céu estaria vivo, mas, não foi isso que aconteceu. O merda tinha que cair justamente com a cara na merda de maneira que se afogou no seu trabalho. No exato instante em que repassava esse último momento a porta do elevador se abriu e ele deu de cara com três grandes amigos que acabavam de abrir um Neethlingshof Chenin Blanc, "menos mal - imaginou - era um branco". Os três, em coro, gritaram, "finalmente chegou alguém que entende de vinho". Sorriram, se abraçaram e brindaram efusivamente àquele momento.

# Rosebud

César Nadal Souza

Os olhos, sonolentos, fitaram.

– Hoje tem Banco. Mentiras... Já acostumaram. Perderam o medo. A vergonha, há séculos... O medo de perder o emprego contra a vingança proletária. Tantos ideais! Tantas décadas! Quantas estradas. E nem parece. Só alguma dor denuncia. O corpo cansado. Também a alma. O tempo não existe.

Os olhos, ainda mornos, recordaram.

– Os pés descalços na água gelada e veloz. O calor bom do sol, os barulhos amigáveis, pedregosos. Os girassóis e o vento e as abelhas. Aconchego da paisagem. Pai e mãe, mãe e pai, o cheiro do pão francês e da torta de banana. Vô e vós. Os pastéis de sábado. Incrível ser memória e não sonho: rolimã, corda, a preciosa bicicleta, amarelinha no pátio das meninas, anel, casamento atrás da porta, amor sem ela saber, estilingue mas sem coragem, arapuca, pico-pico, herói na selva, Congo Bill, Jim das Selvas... Nacional Kid.

Os olhos, inocentes, sorriram.

– Sorte não ter quebrado nada. Nunca. Muitos perigos na imaginação fértil. Inimigos invisíveis do espaço sideral. E a bola de meia no ginásio. Antes o futebol de tampinha, as malas fazendo

---

\* Juiz do Trabalho da 12ª Região

a goleira. O futebol de botão e os campeonatos eternizados na memória e no gravador de rolo. O exame de admissão, a palmatória da dona Armida. Doendo nas costas e no cérebro. O colchão pegando fogo e os gritos da sova com vara de marmelo. A magia do primeiro filme. Voltar pra casa colocar casaco, manga curta não podia. A paquera pra ser homem. Tímida. Muita emoção. Alguma dor. A mulher do papo, o mendigo matemático, a paçoca, o giz arremessado pelo professor cristão... O cinema proibido pra 18, carteirinha falsa.

Os olhos, ruborizados brilharam.

– O primeiro e desajeitado beijo. Tardio mas petrificado. A saída do colégio, as festas de penetra, os cubas na cozinha, ela dançando com o outro, o coração doendo. As músicas... O primeiro fora, o primeiro gole, o primeiro porre. As músicas... cada uma tomando posse de uma parte. A alegria de estar triste, falta de apetite, insônia. O vazio. Sonhar com cada uma um sonho. Amores sorrateiros. Sentir-se único e excluído... A mágica! Houve uma vez um verão...

Os olhos, sérios se tornaram.

– O texto da blasfêmia foi na jugular. O Deus cruel que mantém acesa a paixão, mas não a juventude. Não o corpo. A chama crepita em meio às rugas. O homem ridículo. O filósofo de araque. O quebra-cabeças nunca acaba: baleia azul no mar azul sob céu azul sem nuvens. Voo de Superman, mergulho de Namor. Manter tudo isso na mente? Lembranças guardadas nas gavetas... Para quê? O colecionador, dizia o pai, é um débil.

Os olhos, os olhos estudaram.

– Agudos os espinhos do tempo. Imprescritível o passar das horas e as mudanças sangrentas. Todos deveriam escrever memórias. Enquanto certamente são lembranças. Cada um tem sua história e carrega em si o dom de ser feliz, magistral música! Como também tudo do Chico. Mas felicidade? O que é? Desapego? Aconchego? Empatia? Riso solto? Amar é admirar ou sentir romperem as entranhas?

Os olhos, num flash, estancaram.

– O diploma. Na época ninguém vacilava. Cada qual com sua vocação. Para onde ir? Onde tem mais luz. Um pouco de sorte, ferrenha vontade... A incerteza amiga constante. Os cabelos longos e pretos. O ainda pequeno grau da miopia. A coragem da cirurgia. O futebol corrido, as águas vencidas, do mar, do rio e da piscina. A pureza da beca. Que se rasgou no caminho. Não muito, mas sem outro jeito, sem retorno. A beleza da toga. Universo novo. Angústias novas. Becos e caminhos com bruxas e dragões. Volta sempre o espelho majestoso do Tesouro da Juventude. As amizades são ilusões mas alimentam.

Os olhos, no tempo se hospedaram.

– A derradeira namorada. Os planos. Os sonhos. Com os filhos, com o morno da rotina, com a valsa cinquentã. Não se segue os ponteiros do relógio. O amor verdadeiro não é. O que é o amor? O primeiro filho é. Amor incondicional. A filha é também. Os filhos são, despertam e transformam. Nasce com eles, mais uma vez, também o pai. Fôlego que não acaba, cantiga que permanece. Sempre serão sopro os filhos, sempre serão beleza, sempre serão anjos que mudaram de vez a alma, a explicação do divino. Para sempre. A letra do Vinícius e o violão que não conseguia parar de chorar. As primeiras fraldas, a primeira febre, a primeira fala. O primeiro tombo. A fila do leite, as noites perdidas e ganhas. A inocência, que derruba e nocauteia. A festa na escola. O orgulho dos pequenos artistas, dos pequenos cidadãos já soldados! O eterno medo de que se machuquem. O inferno-medo... nossa vida é um fio de seda: em um segundo o avião cai, em um segundo atropelamos alguém, em um segundo o insólito acontece, em um segundo o amor começa, em um segundo o amor acaba. Palavras pontes frágeis, não contêm meus sentimentos, que, mudos, se espalham e se perdem. Medo da morte nunca; medo da vida, muito. Quem sabe...

Os olhos, no caos mergulharam.

O tempo carrega as dores, carrega também muita alegria. Planos, paixões, desejos. Rostos, corpos, cores, sons... como ser feliz a dois, mais fácil ser infeliz. Talvez. Nem sempre. Lugares comuns, seguir a cartilha. Romper os limites. Cadê coragem? Cadê certeza? O vinho e a música causam igual embriaguez. A pele envelheceu, mas é igual a resposta ao toque. Saudade às vezes do que não houve. Carência e suas infundas buscas. Ulisses eterna. Cadê o cavaleiro heroico? Só resta o moinho de Cervantes. Ferrenho defensor do nada. A bola não devolvida pela vizinha do terreno baldio.

Os olhos, a toga vestiram.

- Anos de estudo, o concurso difícil, o começo rosado. A dor vem com o tempo. As pernas cansam, os ombros reclamam. A cabeça se curva. Dentro o inverno, fora a primavera. Cecília e a perda da face? Agora algum sentido? Os vincos o demonstram? Os cabelos já brancos, algo ralos? O brilho opaco dos olhos? A barba que uniformiza? A pulsação da carótida? Tudo virou estatística. Tudo ficou estático, meio insano, tudo contraditório. Sobretrabalho, mas projetos de saúde. Falta de estrutura e de tempo, mas a busca de intimidade no meio de insensibilidade. Mais encargos, menos ser humano, muitos e mais números no grande parque de diversão. E fantasia. No fim tudo é uma grande piada? Chaplin? E já dizia o maligno personagem que a vaidade é seu pecado predileto! Mas a missão prossegue. Embora se avizinha a aposentadoria. Mas ainda não é tempo. É hora de seguir com ânimo. Persistência e teimosia jovens, apesar dos desalinhos. Ainda dar exemplos. Ainda buscar o justo. O certo. Até quando? Até onde? Haverá o depois? Depois da morte o quê?

Os olhos, por fim, murcharam.

A voz invadiu o aposento, rápido ganhou corpo e rasgou subitamente o momento, dissolvendo os vapores da água quente.

- Doutor! Pode vir. O café está servido!

E o reflexo foi sentar-se à mesa.

# *Seu Chico x Seu João: Um Grenal<sup>1</sup> de medicamentos*

**Rodrigo Goldschmid\***

Década de 1980. Em uma pequena cidade do interior do Rio Grande do Sul.

Todos os dias o Seu Chico amarrava a sua vaca leiteira em um toco fincado num terreno desocupado, coberto de capim, defronte a sua residência.

Lembro bem do seu Chico. Um senhor de estatura baixa, forte, barrigudo, cabelo castanho escuro, usando uma roupa “de lida” e calçando um par de botas de borracha.

Era um homem simples, de poucas palavras, mas sempre tratou-me muito bem e me dava atenção quando eu conversava com ele.

Outro detalhe importante do seu Chico: ele era um torcedor fanático do GRÊMIO.

Um belo dia, após amarrar a sua vaquinha no toco, o Seu Chico atravessou a rua e me viu ali brincando. Então me chamou:

---

1 GRENAL é o nome que se dá ao clássico jogo entre os tradicionais times rivais do Estado do Rio Grande do Sul: Sport Club Internacional (INTER) e Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense (GRÊMIO).

\* Juiz do Trabalho da 12ª Região

– Rodrigo, passa aqui em casa que eu tenho uma encomenda para o teu pai.

Eu fiquei surpreso e ao mesmo tempo faceiro, pois era a primeira vez que eu ia entrar na propriedade do Seu Chico. Levantei-me e disse: – Já estou indo aí Seu Chico.

Ali chegando, fui convidado a esperar na varanda da frente da casa e, lá de dentro, veio o Seu Chico com uma caixa de remédio e me entregou na mão.

Então me disse:

– Rodrigo, leva esse remédio para o teu pai, o Seu João, e diz para ele que é para ajudar a curar a dor de cabeça pela derrota do INTER no jogo de ontem à noite.

– Pode deixar Seu Chico que eu entrego. Até mais.

Saí dali sem entender aquele fato inusitado. Como é que o Seu Chico sabe que o pai está com dor de cabeça? O que o INTER tem a ver com isso?

De qualquer sorte cumpri a missão. Quando o pai chegou do expediente fui direto ao seu encontro:

– Oi pai!

– Oi Rodrigo.

– Pai, essa caixa de remédio é para ti.

– Como assim? De onde você tirou essa caixa?

– Foi o Seu Chico que me mandou lhe entregar.

– Por quê?

– Ele disse que era para ajudar a curar a sua dor de cabeça pela derrota do INTER ontem à noite.

O pai deu uma baita gargalhada e disse-me: – Tudo bem Rodrigo. Vou tomar esse medicamento em seguida. Outra hora eu agradeço o Seu Chico.

Saí dali contente. Cumpri religiosamente a tarefa que o Seu Chico me atribuiu.

Alguns dias depois, o pai me chamou:

– Rodrigo, vai até o galpão dos fundos e busca para mim um caixa de papelão pequena que deixei lá, perto da porta.

– Sim pai.

Lá fui eu pegar a dita caixa. Trouxe-a e entreguei para o pai.

Fiquei por ali e vi que o pai estava colocando dentro da caixa de papelão aquela caixa de remédio que o Seu Chico havia mandado. Mas, além dela, o pai colocou um sonrisal, um xarope e outras tantas cartelas de comprimidos.

Eu pensei: o que está acontecendo com o meu pai? Que coisa esquisita é essa: um montão de remédios dentro de uma caixa de papelão?

Após encaixotar todos aqueles itens farmacêuticos, o pai se virou para mim e disse:

– Rodrigo, presta atenção: você vai pegar essa caixa e levá-la para o Seu Chico. Agradece a ele daquela vez que me enviou o remédio e diz para ele que eu estou retribuindo a cortesia, já que o GRÊMIO, ontem à noite, perdeu a partida para o INTER e o Seu Chico, por conta disso, não deve estar passando muito bem. Daí diz para ele que aí dentro tem de tudo um pouco para ajudar a melhorar a dor de cabeça e outras dores que porventura tiver.

– Pode deixar pai, vou ver se lembro de dizer tudo isso.

Saí com aquela caixa pela porta da frente de nossa casa e fui direto até a casa do Seu Chico. Toquei a campainha e ele veio me atender.

Quando ele apareceu no portão eu disse bom dia e lhe entreguei a caixa de papelão em mãos, dizendo do que se tratava e reproduzindo, o melhor possível, a mensagem que meu pai, o Seu João, mandou-me lhe dar.



O Seu Chico ouviu tudo atentamente. Ao final deu um sorriso e disse: – Entendi tudo Rodrigo. Agradece o teu pai por mim e diz para ele se preparar quando o INTER jogar com o GRÊMIO outra vez.

Despedi-me. Voltei para a casa e dei o recado do Seu Chico para o pai que, mais uma vez, deu uma baita risada.

A partir de então, cada vez que o INTER perdia, o Seu Chico me chamava para eu levar uma caixa de remédios para o meu pai. Assim como, quando o GRÊMIO sofria uma derrota, o pai me chamava para eu levar uma caixa de medicamentos para o Seu Chico.

A última vez que fiz o “leva e traz”, lembro-me que a caixa já era quase do tamanho daquelas de televisão com tubo de imagem, cheia de comprimidos de toda ordem, ataduras, algodão, faixas, esparadrapo, gaze, gelol, mertiolate, *band-aid*, xaropes, enfim, uma farmácia completa.

Claro que, na altura, eu já tinha entendido a brincadeira: um “grenal de medicamentos”, onde o torcedor do time derrotado ganhava como “prêmio” medicamentos de toda a espécie para ajudar a curar a “ressaca” da derrota.

Uma brincadeira inteligente, que estreitava, com bom humor, as relações de amizade entre dois vizinhos. Agradeço por ter participado dela, pois ficou marcada na minha memória afetiva, como uma lição de humanidade.

# Tio Castelar

**Manoel Luiz Costa Penido\***

Era um lugar muito bonito e aprazível, a sede da Fazenda do Tio Castelar, onde viviam sua mulher, Sinhá Francisca, e suas cinco lindas filhas. Não o conheci, tampouco conheci as suas filhas, que seriam minhas primas, por serem primas de minha mãe, que me contou a triste história e o melancólico fim de todos eles.

O lugar era realmente muito bonito e muito bem cuidado. Tinha um pequeno riacho, que nascia na cabeceira da Fazenda, e corria manso, alisando pedras e seixos, e depois desembocava no quintal da Fazenda, aonde patos, galinhas, galinhas d'angola e todos os bichos, de duas ou de quatro patas, banhavam-se e matavam a sede. Do riacho formou-se um açude, cuja água seguia mansamente por um tortuoso, fluente e sonoro rego d'água, que por sua vez desmembrava-se para abastecer os canos que conduziam a água limpinha até a caixa d'água, que servia toda a família do Tio Castelar e seus agregados. Além dos agregados, que trabalhavam na Fazenda, bem próximo do rego d'água, morava um casal de negros velhos, ex-escravos. Eles foram alforriados quando viviam na Fazenda do Tio Castelar e ainda trabalhavam. Permaneceram na Fazenda, residindo de favor, porque não tinham para onde ir.

---

\* Juiz do Trabalho da 15ª Região

Embora não mais trabalhassem na Fazenda, eram tolerados pelo Tio Castelar, porque não incomodavam ninguém, no seu silêncio de velhos, que só era quebrado pela fumacinha expelida pela chaminé da sua casinha de dois cômodos, uma despensa e uma privada feita de buraco no chão, sem porta, que ficavam do lado de fora do casebre.

Mas os tempos mudam inexoravelmente. As pessoas também. O casal de velhos tinha o costume de jogar seus restos no quintal da casa, inclusive a urina colhida no penico durante a noite, além do lixo que não era aproveitado pelos animais, principalmente esses do tipo plástico, que começaram a servir de embalagem a partir de certa época. E Tio Castelar, quando passava a cavalo na frente do casebre ou no quintal, costumava chamar a atenção dos dois velhos, quando deparava com algum lixo, ou quando via o urinol ser despejado perto do rego d'água. É bem provável que a sujeira, pela distância entre o casebre e a sede da Fazenda, não chegasse a contaminar a água de consumo da família, mas o Tio Castelar, homem sistemático e cheio de razões e vontades não contrariadas, cismou com o velho Fortunato – a velha Conceição era mais cordata, além de mais submissa –, resmungão e respondão, principalmente se considerasse um desaforo as palavras que ouvia. E os ânimos foram sendo, ao longo do tempo, cada vez mais exaltados!

Até que um dia Tio Castelar, ao tomar a sua caneca de café preto pela manhã na janela da cozinha, depois de matutar uma noite inteira insone, decidiu, de um só pensamento e resolução, mandar o casal de velhos embora de sua Fazenda, de uma vez para sempre. E, assim fez, logo depois de arriar o seu cavalo baixo de estimação.

E, quando chegou à porta do casebre e foi recebido pelo velho, que estava a fumar o seu cachimbo na única janela existente no único cômodo da frente da casa, onde os dois velhos também dormiam, Tio Castelar, comunicou-lhe a sua decisão, que desocupasse, dentro de um mês, a casa. Ao receber a notícia,

de que ele e sua esposa teriam que juntar os *terens* e partir dentro de um mês, o velho negro não disse palavra alguma, pelo menos que um vivente entendesse, e resmungou muito e bem alto, para demonstrar a sua contrariedade com aquela imprevista e desafortunada notícia de expulsão!

Em seguida, fechou rapidamente a janela, apagou o cachimbo, e foi logo confabular com Sá Conceição, que estava a remexer na trempe do fogão a lenha, a cozinhar feijão-preto com pedaços de peles de porco. A mulher ficou muito abalada, mas o velho disse que não se preocupasse. Não sairiam dali de jeito nenhum! E naquele mesmo dia iriam até o Arraial, para pedir ajuda às autoridades constituídas. Com certeza haveria uma solução em favor de sua permanência, pois ali nasceram e sempre viveram, desde criança, ainda na época da escravidão. Além disso, não tinham aonde ir e não tinham recursos para arranjar outro lugar para viver.

Apesar de terem sido trabalhadores rurais, nunca pediram, e tampouco obtiveram, qualquer espécie de benefício social, a não ser o da caridade oferecida pelas duas igrejas do Arraial. E a única coisa que lhes sobrou foi o direito de viver de favor naquela casinha sem pagar aluguel. Ali criavam suas galinhas, plantavam suas verduras, colhiam seus legumes e frutas. O leite que consumiam era fornecido pelo fazendeiro vizinho, pois o Tio Castelar achava que já ajudava muito cedendo a casa, o pedaço de quintal e a lenha que utilizavam no fogão. Alguma ajuda obtinham uma vez por mês da caridade das duas igrejas, que ficavam na praça principal do arraial, uma na frente da outra.

No dia seguinte, partiram logo após o almoço. Fortunato, como sempre, andava cerca de um metro à frente de Sá Conceição, castigando com sua alpercata a estrada de terra corroída pelas enxurradas, em direção ao Vilarejo, que distava três léguas. Ao chegarem, procuraram todas as autoridades disponíveis, civis e religiosas. Pediram ajuda ao Padre Católico, ao Padre da Igreja Anglicana Brasileira, ao Secretário do Prefeito – este estava em

viagem para a Capital do Estado –, ao Presidente da Câmara e aos três vereadores, bem como ao Juiz de Paz, inclusive ao Farmacêutico, que fazia as vezes de médico, uma vez que médico não existia na cidade. No entanto, não obtiveram sucesso prático algum. A resposta de todos era sempre a mesma: Tio Castelar não tinha a obrigação legal de mantê-los como agregados, porque não mais trabalhavam. Eram ex-escravos alforriados, senhores dos seus destinos e, também, do seu infortúnio!

Voltaram no final da tarde. E se entocaram dentro do casebre, com as duas janelas e as duas portas fechadas, até o dia seguinte, quando a fumacinha cinzenta começou a subir do telhado da cozinha novamente, denunciando o café da manhã que Sá Conceição estava preparando. Nem os penicos foram esvaziados naquela manhã. A paz tinha a aparência de uma sexta-feira da paixão, quando até os passarinhos eram proibidos de cantar, por determinação da Igreja Católica, que mandava os crentes jejuar e não comer carne, exceto a de peixe.

E os dias seguiram-se, conduzindo consigo o curso da vida, até que o prazo estipulado por Tio Castelar venceu, sem nenhuma satisfação ou resposta da parte do casal de ex-escravos, que tampouco arredou pé do casebre, com medo de não encontrar a casa quando voltasse.

Mas ninguém se aprisiona em sua própria casa por muito tempo, principalmente aquele casal de velhos, que necessitava da ajuda assistencial da Cidade, aonde ia pelo menos uma vez por mês, para receber donativos e comprar algum tipo de mantimento, principalmente óleo para cozinhar, sal, açúcar, rapadura e macarrão. Tio Castelar ficou à espreita e aguardou ansioso, que esse dia chegasse. E, assim que foi avisado de que o casal havia pegado a estrada em sua marcha em fila indiana a caminho da Rua, mandou chamar imediatamente o agregado Tião e o seu filho, Edmundo, a fim de cumprirem sem demora a ordem que lhes havia dado algum tempo atrás.

Correram apressados, pai e filho, largando, de qualquer jeito, as suas enxadas no meio da roça de milho, e foram cumprir imediatamente a ordem-lei do Tio Castelar.

Colocaram uma escada de pau bem depressa ao redor do casebre, e retiraram todo o telhado, inclusive os caibros e as ripas, que o sustentavam. Imediatamente, o sol invadiu os dois pobres cômodos de terra batida, desnudando todo o seu conteúdo, tornando visíveis ao mundo exterior as painéis pretas, alguns poucos pratos esmaltados já um pouco descascados, canecas feitas de restos de latas de massa de tomate, além dos dois catres de solteiro, um ao lado do outro, que ficavam na sala, que também servia de quarto de dormir, cobertos com colchas tecidas em algodão por teares, e que completavam as únicas posses do casal de velhos. Só não se viam os dois penicos esmaltados, que ficavam bem escondidos, um debaixo de cada cama. Todos os *terens* do casal de velhos poderiam ser vistos nitidamente lá de cima, sem nenhum esforço. Um carro com duas juntas de boi retirou tudo bem depressa, e o casebre ficou ainda mais triste, a olhar para o céu, como se pedisse ajuda, clamando por alguma força superior de justiça.

Algumas horas se passaram, até que os velhos voltaram. De longe, avistaram que a sua casinha estava toda mudada! Só se viam as paredes, as janelas e as portas. Entraram. E a vida continuou no dia seguinte, como se nada houvesse ocorrido.

Mas em uma noite, depois de uma semana sem o telhado, choveu forte, e molhou tudo o que havia dentro do casebre. Inclusive o fogo que cozinhava feijão, e deixava o fogão sempre aceso, se apagou completamente, restando somente borralho e cinzas, que serviam para fazer sabão. Sá Conceição não conseguiu terminar o almoço. Fortunato ficou muito bravo e praguejou durante horas a fio, andando de um lado para o outro dentro dos dois pequenos cômodos do casebre, sempre olhando da janela a casa grande da Fazenda. Depois de bastante tempo, saiu sem nada dizer ou avisar para a sua velha esposa, embrenhando-se

no mato, lá no alto da serra, onde pernoitou ao relento e ficou durante dois dias.

Fortunato retornou na tarde do terceiro dia. Sua cara era de bicho do mato. Todo sujo, parecia ter entrado em toca do tatu peba comedor de defuntos.

No dia seguinte, bem cedinho, quando tomava o seu café da manhã na janela da cozinha de sua grande casa, envolto em seus pensamentos sobre o tempo que o casal de negros ainda poderia aguentar morar no casebre sem telhado, Tio Castelar sentiu, de repente uma forte pontada na testa, logo acima dos olhos, que se alastrou imediatamente para dentro do seu cérebro, como se um punhal longo e pontiagudo houvesse, de um só golpe, entrado em sua testa, e fosse remexer seus miolos e sua mente dentro do cérebro, atrapalhando a sua capacidade mental. Sentiu um calafrio, uma inesperada ânsia de vômito, um certo descontrole das ideias e uma sensação muito esquisita. Era uma tristeza muito grande, como se lembrasse de alguém muito querido, que houvesse morrido recentemente. Mas não tinha notícia de que algum parente ou amigo tivesse falecido nos últimos tempos.

Homem prático e decidido, mandou selar o seu cavalo baio de estimação e partiu a galope para a cidade. Foi falar com o farmacêutico do Arraial, única pessoa que entendia de saúde naqueles confins de mundo. Relatou ao cura improvisado o que sentia, e saiu da farmácia com alguns remédios, que tomou em seguida, mas de nada adiantaram. Quando retornou à casa, sua esposa Nhá Francisca estava amuada, prostrada no sofá da sala, dizendo que também não estava bem. E os sintomas eram idênticos ao do Tio Castelar. Em seguida adoeceram do mesmo modo as cinco filhas, a começar pela mais velha, depois a irmã abaixo dela, como se fossem degraus de uma escada sendo descidos rapidamente.

As cinco moças eram muito bonitas e educadas. Morenas de coxas grossas e pernas bem torneadas, belos olhos castanhos, cabelos negros, lisos e longos, seus olhares eram alegres,



despreocupados e tímidos, sempre à espera de um noivo que fosse do agrado do Tio Castelar. E todas elas começaram a sentir os mesmos sintomas dos pais. Assim, todos os sete membros da família do Tio Castelar, em uma semana, ficaram completamente perturbados e desconfortáveis em seus corpos orgânicos, comprometidos pelos tormentos de suas mentes, e em completo descontrole e descompasso entre mente e corpo físico. Andavam como zumbis insones pela casa e, às vezes, pelo quintal da casa. Subiam, de pijamas e chinelos de couro, os grossos bambus gigantes, que existiam na beira do riacho. E, lá nas grimpas, permaneciam o dia todo, até o anoitecer. Era surpreendente a agilidade que possuíam para subir rapidamente naquele bambu tão longo e escorregadio, permanecendo lá nas pontas, inclusive em sua parte mais fininha, que vergava, mas não caía!

A má notícia espalhou-se. Correu toda a redondeza, até que uma irmã mais velha de Tio Castelar, a Tia Marta, ficou sabendo e foi até a Fazenda do irmão, para socorrer a desafortunada família. Alguns médicos vieram, inclusive da capital. E conversaram e examinaram, batendo aqui e ali. E também receitaram, com muita demonstração de conhecimento e segurança, e partiam prometendo que a cura ocorreria em breve. Levavam consigo o dinheiro de Tio Castelar, pago pelos altos honorários, mas nenhuma melhora ocorreu. Nenhum membro da família Castelar conseguia se curar!

Vários meses se passaram e a loucura da infeliz família permaneceu igual. Seria uma espécie de vírus ou uma bactéria desconhecida, que teria contaminado toda a água que a família do Tio Castelar consumia, os vizinhos se perguntavam? Mas isso não poderia ter ocorrido, porque os animais continuavam todos faceiros, perambulando em suas duas ou quatro patas, olhando curiosos para os seus donos engripados nos pés de bambu, balançando lá em cima, como se fossem macacos!

Um dia, depois de meses, uma pessoa que entendia de rezas, de macumbas, de pragas e de feitiços, de coisas vindas



do além, e que afirmava ter esse tipo de intimidade com o maligno, sugeriu procurar um ex-escravo que vivia sozinho em um rancho, feito de folhas de babaçu, a cerca de cinco léguas, do outro lado da serra. Disse que ele seria capaz de desfazer o malfeito ou feitiço realizado contra a Família Castelar.

Um mensageiro foi ao rancho chamar o velho, apelidado Dito ou Benedito. Ele apareceu três dias depois sem avisar. Caminhava batendo com força no chão o seu cajado, enquanto cuspiam para todos os lados. Eram cuspes e restos de baba de fumo de cachimbo. Primeiro, ele foi até o casebre destelhado, agora transformado em uma tapera. Recolheu alguns objetos espalhados pelo chão e sumiu em seguida, embrenhando-se no mato. E lá ficou até o dia seguinte.

Retornou e entrou pelo alpendre da casa grande, depois andou por todos os cômodos e o quintal. Enquanto observava o Tio Castelar, a esposa e as filhas, lá nas grimpas do bambu, proferia uma série de palavras ininteligíveis, sem sentido para os leigos, e sempre cuspiam em um jornal, e fumava um cigarro de palha bem grosso, feito de fumo de rolo. Foram horas e horas nessas falas esquisitas, durante dias e dias seguidos, até que a família começou a sentir um certo efeito em seus corpos físicos. Primeiro, desceram do bambu, depois, começaram a vomitar, cada qual em um canto. O mais surpreendente de tudo era o conteúdo dos vômitos, que nenhuma relação possuía com o que havia sido consumido pelo membro da família. Eram pedaços de ferraduras velhas enferrujadas; chumaços de cabelo de crinas de animais; penas de galinha; chaves grandes de casa enferrujadas; pregos enferrujados de todos os tipos e tamanhos; pedaços de couro de boi; chumaços de cabelo de gente. Enfim, tudo que cabia na garganta de uma pessoa começou a sair nos vômitos. O líquido era uma gosma esverdeada, parecida com o lodo da água salobra dos brejos da redondeza, que ficava parada durante dias, secando ao sol. E, quando cessaram os vômitos e as imundícies deixaram de ser expelidas, a família toda era um trapo só. Só se viam ossos e peles amarelecidos.

Nenhum membro da família do Tio Castelar voltou a ser normal como era antes. Toda a beleza das moças desapareceu. A sanidade não retornou para ninguém da família, até ocorrer o último falecimento, o da filha caçula. As moças nunca se casaram, porque não havia mais pretendente, apesar dos grandes dotes que cada uma possuía, em terras, dinheiro, joias e animais. A sede da Fazenda foi lentamente se transformando em uma imensa tapera, por falta de manutenção e cuidados. O gado, bem como os demais animais domésticos, foram se extinguindo paulatinamente, até não sobrar mais nada. Foram consumidos pelos vizinhos, morreram atolados nos brejos, ou foram comidos por lobos, cobras, gambás, ouriços, e tantos outros animais selvagens. Os agregados também partiram, receosos de serem atingidos pela maldição. E, quando algum cavaleiro passava perto da porteira que servia de entrada para a Fazenda, ele sempre se persignava, com medo de ser enfeitiçado também. E, se fosse durante a noite, passava a trote ou a galope, enquanto o cavalo assoprava assustado, as ventas abertas, e, enquanto batia com força as ferraduras no chão da estrada corroída pelas chuvas, era açoitado com força pelo cavaleiro apavorado!

Nunca alguém soube dizer ao certo o motivo da desgraça daquela família desafortunada. Suposições, principalmente as baseadas em superstições, eram várias. A mais corrente era que a maldição fora deixada pelo casal de velhos ex-escravos, Fortunato e Sá Conceição, que nunca mais foi visto na região ou em qualquer outro lugar.

Da bela propriedade de Tio Castelar nada restou, além de ruínas. Escancaradas ao céu, ao sol e às chuvas, depois de retiradas as telhas e todo o madeirame da casa principal, bem como de todas as casas dos agregados, do paiol e de todas as demais construções de abrigo de animais, nada mais restou, a não ser ruínas. Provavelmente, tudo que havia de valor fora roubado. O que restou da família foi a sinistra lembrança de uma outrora vida vigorosa e o orgulho de Tio Castelar. Tudo isso

esvaiu-se, colhido pelo infortúnio, e provável castigo. Apesar de serem todos os integrantes da família tementes a Deus, fervorosos católicos praticantes – jamais perdiam uma missa e um sermão do padre da igreja da cidade –, sucumbiram-se a um castigo inesperado! E levaram consigo, para a eternidade, o motivo da grande maldição, que ceifou suas vidas.

# *Virtualidade real*

**Ricardo Motomura\***

Nem mesmo a morte do marido conseguiu fazer com que seu filho demonstrasse algum sentimento. O menino, então com dez anos, continuava indiferente a tudo. Como sentir falta, se o pai ainda vivia em seu simulador predileto?

Ainda no berço, Ângelo ganhou uma tela suspensa que o fazia ficar tão quieto, que era como se nem existisse um bebê dentro de casa. Com os filmes passando sem parar, o filho raramente chorava e aprendeu a viver em um mundo particular. A mãe se lamentou no início, mas com o tempo, passou a acreditar que era mesmo incapaz de desenvolver seu instinto maternal.

Mas quem disse que o virtual não é também real? – perguntava o marido, incrédulo às críticas que recebia dos mais próximos, principalmente quando Ângelo mostrava seus meneios. Com apenas um ano, no meio de uma festa em família, começou a passar os dedos miúdos na direção de quem começasse a falar, chamando a atenção de todos. Foi o tio quem decifrou que o menino tentava, com o gesto, tirar as pessoas de sua frente, tal como fazia para trocar a imagem em um celular.

---

\* Juiz do Trabalho da 2ª Região

O marido não se importava com nada, e muito menos economizava – o mundo para ele seria outro quando o filho chegasse à idade adulta. Ângelo estava sempre experimentando novos simuladores, com os quais conhecia diferentes tipos de realidade. Aos sete, não quis mais ir à escola, no que foi apoiado pelo pai, que pesquisou inúmeros programas virtuais de aprendizagem. De início, a mãe foi contra, mas depois que viu o filho empolgado com as letras e os números, aceitou também – o que importava era que ele não fazia perguntas e nunca queria sair de casa.

Até a preocupação que surgiu aos nove foi resolvida sem qualquer sofrimento. Ângelo começou a ficar obeso, e desta vez ganhou simuladores esportivos. Sua predileção era pelos radicais, onde podia esquiar nas melhores estações, acelerar em todos os autódromos, além de voar de parapente nos picos mais desafiadores. Seu quarto foi adaptado para suas derrapadas e seus rasantes, sempre acompanhados de um sorriso tímido. O menino emagreceu, e cresceu.

A adolescência chegou trazendo uma onda de hormônios. Ângelo se isolava cada vez mais. Muitas vezes, ficava semanas sem trocar uma palavra com a mãe, e quando fazia, gritava por ela emitindo um som agudo e gutural. Não tinha amigos – ao menos, amigos reais. Sua existência física se limitava ao pequeno espaço de seu quarto. A vida do filho se tornara insustentável. A suposição do marido não se concretizara. Os relacionamentos ainda se baseavam em encontros físicos que envolviam apertos de mãos, abraços, trocas de olhares – coisas que Ângelo desconhecia.

Por recomendação de um terapeuta, a mãe sugeriu ao filho uma viagem, esclarecendo a importância de ele escolher o destino. Somente depois de muita insistência, Ângelo enviou a lista com sete locais, todos um tanto exóticos e de que a mãe nunca ouvira falar. Ela escolheu o mais acessível, a Casapueblo, em Punta del Leste, no Uruguai.

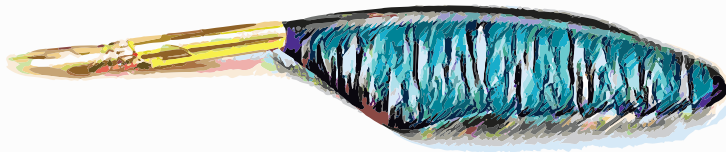
Dentro do ônibus, enquanto a mãe admirava a paisagem de Montevidéu a Punta pela estrada vazia, o filho continuava com os óculos de realidade virtual, girando a cabeça para todos os lados e causando certa consternação nos demais passageiros. Combinaram que deixaria de usá-los ao chegar na casa, o que aconteceu depois que o motorista puxou o freio de mão com força ao estacionar em uma rua íngreme do penhasco que se erguia de frente para o mar.

Imponente e toda pintada de branco, com paredes e janelas e varandas irregulares, a mãe concordou com a observação que ouvira antes – a Casapueblo era uma grande obra de arte encrustada na rocha, criada pelo artista uruguaio Carlos Páez Vilaró. Seu interior não era menos insólito, uma sucessão de corredores e salas e quartos que ganhavam vida pelas pinturas e esculturas dispostas por todos os lados, sem qualquer arranjo aparente. A mãe pensou que deveria ser isto o que atraía seu filho – uma casa toda construída a partir das estranhas e desorganizadas ideias de alguém que via muito além da realidade.

Em meio a tantas pessoas que visitavam a casa, Ângelo não se desgarrava da mãe, mesmo quando subia as escadas estreitas que ligavam um andar ao outro. Ela estranhou aquela intimidade súbita, mas a recebeu quase com alegria. Em troca, parou muitas vezes para mostrar algumas obras ao filho, que não demonstrou afeição por nenhuma delas. Chegaram então na sacada principal, onde inúmeros visitantes aguardavam a famosa cerimônia do pôr do sol, e foram surpreendidos com os três parapentes que davam voltas sobre a casa, num balé voador que parecia ensaiado. O filho ficou atônito, e pela primeira vez, a mãe acreditou ter visto lágrimas em seus olhos. Enfim, um sentimento.

Com um movimento rápido, Ângelo subiu sobre o parapeito, abriu os braços, e sem virar para trás, se jogou penhasco abaixo. O grito da mãe se juntou aos dos demais visitantes. Ela ainda conseguiu captar o último olhar do filho, naquele pequeno espaço de tempo em que seu corpo planou de costas sobre a brisa gelada que soprava na direção do mar. Parecendo esboçar um sorriso, ele contemplava o voar silencioso dos parapentes.





# *Crônicas*







## *Rainha de Sabá do Carnaval*

**Francisco Antonio Romanelli\***

O samba fez 100 anos em finais de 2016. No entanto, sujeito a guerrilhas e ataques, diga o que disserem os profetas do apocalipse cultural, continua sobrevivendo. Como diz o poeta popular, "agoniza, mas não morre". São mais de 100 anos desde o dia em que, matreiro, Donga, vai à Biblioteca Nacional e pede o arquivamento da partitura de "Pelo telefone", em dezembro de 1916, reivindicando autoria. O bode que deu, nem preciso te contar. Faz parte dos mitos fundadores do samba e do folclore musical do país. Tiros dialéticos de todos os lados e salve-se quem puder que, literalmente, zuniram como teses, palpites e canções. O que vale é que essa esperteza do muito esperto e gabaritado músico cravou um marco decisivo na linha do tempo do samba e da canção popular nacional. Afinal, tempos depois, evoluído ou transformado, o samba foi reconhecido como nosso ritmo identitário por excelência. Somos brasileiros. Somos futebol. Somos samba.

Somos, também, carnaval, é claro. Mas, isso equivale a reforçar que somos samba. Nosso carnaval é o filho mais famoso

---

\* Juiz do Trabalho aposentado da 3ª Região.

O texto foi vencedor, na categoria crônica, do 1º Concurso Literário da Anamatra.

do ritmo. Alguém vai contestar: Carnaval existe desde dentro de tempos imemoriais! Com orgias dionisíacas, saturnais, bacanais e por aí afora, tempos a dentro, antes de bater no querido São Sebastião do Samba do Rio de Janeiro. Se o carnaval 'tá enfiado lá nos cafundós da memória histórica, como é que pode ser filho do ritmo?

Acontece que é o "nosso" carnaval. Premonição de Donga que registrou "Pelo telefone" como "samba carnavalesco". Danem-se, com o devido respeito e a devida consideração às ilustradas histórias – mas, quando o assunto é futebol e carnaval, aos outros a melhor interjeição, para ser polido, é, mesmo, dane-se! –, os gregos e romanos antigos! O nosso carnaval é nosso. Único, exclusivo, diferente, rico, atual, ali, na praça, no centro, no sambódromo. Na TV!

Pois é. O Carnaval brasileiro foi uma das mais bem-sucedidas misturas culturais do planeta. Criou e alavancou um produto que, discussões à parte – e onde não as há? –, *tsunamicamente* tirou a Terra de seu eixo em muitas gradações alcoólicas acima do nível tolerado para condutores de charretes e, pegando uma ajudazinha no carnaval que dá quando se mistura Bakhtin e Raul *rock* Brasil, colocou o mundo de cabeça-p'ra-baixo, na carnavalização mais explosiva, alegre e colorida da história. Ninguém precisa morrer p'ra conseguir o paraíso no alto, pois o céu já está no asfalto. Não é preciso correr, pensar em calendário ou ter problema de horário. É isso aí: é tão bonito ver o sorriso do povo que habita o lugar. Raulzito sambou bonito dentro do *rock*. Constatou aquele mundo ideal da filosofia platônica e da literatura mundial, o paraíso perdido, que, cá p'ra nós, é o carnaval brasileiro: vou me mudar p'ra cidade de cabeça-p'ra-baixo. Incorporou o desatino da heroína do samba do Chico: viu chegar quarta-feira, acabar brincadeira, bandeiras se desmanchando, viu morrer alegrias, rasgar fantasias, o dia sem sol raiando, mas ainda está sambando. Quem não inveja a infeliz feliz?

Ainda se pode questionar: não é a marchinha brasileira, de finais do século 19, a canção típica do carnaval? E por que essa mistura de *rock* com samba? Chatices à parte, que hoje é *segundão* de *carnavá* e eu 'tou *ligadaço*, indefiro o agravo por falta de substância carnavalesca. O nosso carnaval só se viabilizou com a amplitude que lhe deu a escola de samba. E escola de samba, é de samba, não é de marchinha nem de *rock*. E com o ritmo batucado dos fundadores – do ritmo e das escolas – que batucavam o samba e a vida nas quebradas do bairro do Estácio e adjacências, que o digam São Ismael, Mano Rubens e parceiros. E, afinal, o samba é o tecido da identidade brasileira. Ponto final! É nosso, é brasileiro. É samba. Por aqui todas as coisas transitam.

O samba, mesmo centenário, é jovem. Eu, por outro canto, com um bocado a mais que a metade disso, já incurso no Estatuto do Idoso, transferi o samba dos pés para o coração. Sem falar dos olhos, que se esbaldam sátiros nas reprises televisivas dos grandes desfiles. Às noites, invoco o Estatuto, tomo pílulas, encarapuço meu Cpap e sonho com filmes antigos. Acordo na insistência da campainha do telefone, justo quando, em reação a uma ousadia de Alain Delon, Brigitte Bardot ia... – fiquei sem saber – beijá-lo ou esbofeteá-lo? Quatro e pouco. Lá, do outro lado, entre algazarras e batuques das escolas de samba, aquele amigo chato, com voz pastosa: 'Cê 'tá vendo o desfile? Dá uma bispada na morena de dourado do abre-alas! Me inspirou a compor um samba carnavalesco falando da Rainha de Sabá. Morou? Eu a vi no sábado – Sabá-do!

# *A arquibancada*

**Mário Batigniani\***

Eram 19 horas, a noite já tinha caído.

Lá fora pessoas conversavam e crianças brincavam.

Sentados na sala do apartamento, ele tentava explicar ao amigo como sempre enxergou a "torcida" das pessoas por nossos projetos.

Dizia ele que sempre notou que as pessoas falam constantemente que torcem por outras e que lhes desejam o melhor.

Não era, contudo, o que lhe efetivamente parecia.

Ele já havia tentado várias empreitadas e com frequência percebia que as pessoas mais do que buscavam informações.

Elas simplesmente acompanhavam os resultados, embora por razões inconfessáveis.

Houve então um caso emblemático.

Aguardava resultado de um projeto submetido à apreciação para saber se seria ou não promovido.

Prometeram a divulgação para às 10 horas de uma quarta-feira, no sítio da instituição.

---

\* Juiz do Trabalho da 16ª Região

Deram 10, deram 11, deram 12 horas e nada.

Precisava e foi almoçar.

Ao retornar, nem precisou acessar a página do evento para saber que não tinha sido o escolhido.

Era possível ver seu insucesso no “sorrizinho de canto de boca” com ar de alegria de algumas pessoas.

Mas quis ver com seus próprios olhos.

Apenas confirmou o que a “psicosfera” de seu local de trabalho já lhe antecipara.

Como quem confirma uma tese de vida, no entanto, foi dizer aos colegas que não havia sido o selecionado.

Ouviu, quase que sem ponto ou vírgula, sem qualquer ar de “novidade” mesmo, colocações como “é uma pena”, “não fizeram justiça” e “em breve haverá outra oportunidade”, que confirmavam o monitoramento com tanto ou mais interesse.

Após muito refletir, encontrou abrigo em ditado popular no sentido de que “não devemos revelar nossos planos e de que devemos trabalhar em silêncio”.

Deixou então de comentar sobre seus planos e acerca do que estava fazendo.

Não mentia, se indagado, mas respondia da forma mais lacônica possível.

Passou a se fazer de “louco”, como se costuma dizer.

Fingia mesmo que tudo aquilo era normal: um escudo, focando-se e canalizando energia para o que acreditava ser importante.

Estas pessoas estão como numa espécie de “arquibancada”, em regra preenchida por aqueles que já desistiram de seus sonhos e passaram a acompanhar os dos outros, muitas vezes na esperança de ver que fizeram a coisa certa em não continuar investindo tempo e energia numa direção, concluiu.

# *Elogio da inutilidade*

**Lisandra Cristina Lopes\***

Crianças adoram coisas inúteis. Brincar, gastar o tempo à toa. São horas correndo para lá e para cá, ninando bonecas, ou simplesmente cantarolando uma musiquinha enquanto se balançam numa rede ou num pneu velho. Ouvem "historinhas" dos pais pelo mero prazer de ouvir; algumas até escrevem sua própria histórias, não para vender livros, e sim para se divertir. Quando aprendem a ler, começam a soletrar o que veem pela frente: placas, letreiros. O prazer de saber, de descobrir. Depois começam a ler gibis e livros. Não leem para aprender; leem para mergulhar na história.

Mas, à medida que vão crescendo, o utilitarismo vai dominando suas vidas. Não brincam mais; leem quando precisam estudar; estudam para passar de ano; entram na universidade pensando em se formar, e se formam pensando em trabalhar. Já trabalhando, passam a ouvir música apenas no caminho para o trabalho, enquanto enfrentam um ônibus lotado ou um trânsito estagnado. Casam-se para constituir família, ou para driblar a solidão; lutam para manter o casamento; vão morar nas suas casas ou apartamentos de "arquitetura funcional"; controlam com rigor o próprio tempo; desdobram-se para alcançar metas na vida profissional e pessoal. Rezam para ter o conforto de uma

---

\* Juíza do Trabalho da 21ª Região

outra vida; e se esforçam para acreditar que tudo isso tem um sentido.

Hoje, diversos movimentos pregam a necessidade da pausa, do ócio, e até mesmo da preguiça. Alguns desses movimentos terminam tendo um viés utilitarista, pois procuram justificar suas afirmações: não pregamos o ócio pelo ócio, mas o ócio que, no fim das contas, vai ajudar a aumentar a produtividade.

Não é a esse ócio que faço aqui meu elogio: hoje eu quero elogiar é a preguiça mesmo, o tempo gasto "inutilmente", com um livro que você jamais vai utilizar no trabalho ou na escola/faculdade, com um balanço na rede ao som de uma música que vai te lembrar a infância, com uma conversa *nonsense* com o seu amigo mais maluco (se é que você tem algum). Uma pausa para contemplar o caos.

Porque a nossa vida é permeada de inutilidade e de falta de sentido; Albert Camus fala sobre o absurdo de viver, sobre a repentina descoberta da "desnecessidade" e da estranheza do mundo:

*acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o "por quê".*

E quando esse "por quê?" surge, é bom estar preparado para a possibilidade de não haver resposta clara e certa. Se nos dispusermos a sair do nosso espaço de conforto psicológico, se deixarmos de lado o ritmo frenético da vida diária e lançarmos um olhar mais profundo sobre nós mesmos, talvez vejamos que é difícil encontrar um "porquê" concreto e absoluto.



Os poetas, sempre na vanguarda da expressão dos sentimentos, sabem disso:

Por que nascemos para amar, se vamos morrer?

*Por que morrer, se amamos?*

*Por que falta sentido*

*ao sentido de viver, amar, morrer?*

*(Drummond)*

Talvez não exista um sentido maior, presente em alguma grande meta ou algum grande feito. Mas isso não significa desespero ou desilusão. Significa que as crianças podem estar certas. A resposta ao "por quê?" pode estar naquele sorriso *banguelinha* do filho ou do sobrinho pequeno. Pode estar nas horas "perdidas" enquanto se ouve música, no tempo "gasto" conversando bobagem com um amigo ou simplesmente naquela pausa para ver o pôr do sol, por mais clichê que isso possa parecer.

# Isso dá uma crônica

**Maria Francisca dos Santos Lacerda\***

Todo cronista é observador. Tanto isso é verdade que os amigos estão sempre a brincar comigo, em face de algo ou de alguma fala interessante, dizendo: *Isso dá uma crônica*. Ou: *Não vá escrever isso, hein?!*

Nas minhas constantes viagens de Vitória a Minas, delicio-me com as conversas no trem. Dá de tudo. Desde discussão sobre política, naquele engraçado jeito mineiro, até colóquios ao telefone em altos brados. E já registrei em crônica muitas dessas viagens.

Mas, ultimamente, tenho observado, mesmo, em todos os lugares, os prestadores de serviço. Dos mais simples aos mais sofisticados.

Como diz o filósofo Mario Cortella, é necessário que a pessoa sinta que está construindo algo interessante, ou seja, participando de uma obra, para que faça um bom trabalho.

Já Steve Jobs, no discurso para uma turma de formandos de *Stanford*, disse: "A única maneira de estar verdadeiramente satisfeito é fazer aquilo que você acredita ser um ótimo trabalho."

---

\* Desembargadora do Trabalho aposentada da 17ª Região

Há uma história que me encanta e que sempre relembro. Dizem que Juscelino Kubitschek, na época da construção de Brasília, gostava de andar pelos pátios para visitar as obras. Naquela alegria toda, ia perguntando a um por um o que estava fazendo: tirando terra, diziam uns, cavando uma valeta, diziam outros, levantando uma parede, outros mais. E assim chegou à beira de um buraco e gritou ao trabalhador: *O que você faz aí?* A resposta veio rápida, em tom de orgulho: *Estou construindo a Catedral de Brasília!* Juscelino teria entrado no buraco para dar-lhe um abraço.

Esse trabalhador, no dizer de Cortella, sentia-se participante de uma grande obra. No dizer de Jobs, fazia aquilo que sentia ser um ótimo trabalho.

Eu sou mais prática. Aquele que não gosta do que faz, procure gostar e seja, pelo menos, honesto. Trabalhe direito, atenda bem às pessoas. Hoje, quem tem um trabalho, neste nosso país sem perspectiva, agradeça e faça-o da melhor maneira. Tiro o chapéu para pessoas assim e desprezo quem faz o contrário. Por isso, abomino o servidor público que não é servidor, mas um falsário. Finge que trabalha para receber o dinheiro no fim do mês, esquecendo-se de seu compromisso de servir bem à população.

Há uma frase de uma amiga que guardei comigo: "Ninguém é obrigado a obrigar-se, mas obrigando-se, obriga-se."

Todos nós não gostamos de ser bem atendidos?

Pois bem. Outro dia, pedi um café numa dessas minhas viagens de trem. Sempre achei o café ruim. Quando o rapaz me serviu, experimentei, estava bom e eu disse isso ao vendedor. A resposta: *Os meus colegas servem o café Três Corações. O meu tem quatro corações.* E deu o maior sorriso.

Outro, cuja função é orientar as pessoas, entrou no trem em Governador Valadares e apresentou-se sorrindo: *Boa tarde, pessoal. Estarei com vocês até Belo Horizonte. Meu nome é*

*Lucas, mas muitos me chamam de Zé Ruela.* Deu um sorriso, e todos riram com ele. Creio que o apelido citado foi a forma que encontrou para aproximar-se das pessoas.

Lucas fica sempre por ali, prestativo. Limpa o chão, recolhe o lixo, tira a mala de um, coloca a mala de outro, ajuda a descer, a subir, sempre alegre e, a cada agradecimento, responde: *De nada, moça. De nada, moço.* Seja velho, seja jovem.

Esses dois trabalhadores terceirizados valorizam o que fazem. Dedicam-se com amor. Por isso, realizam um trabalho especial. Simples e especial.

E situações assim devem ser registradas.

Isso dá uma crônica, sim, senhor.

# O Juiz, os advogados, o cajueiro, o cajucultor e o boia-fria

João Luiz Rocha do Nascimento\*

Era uma vez ação judicial movida por um trabalhador rural em face de uma empresa de agronegócio localizada no semiárido do nordeste brasileiro e que tem na cajucultura a sua principal atividade.

Na inicial, o patrono do autor, conhecido mais pelos seus dotes ladinos do que propriamente pelos conhecimentos jurídicos, qualificou-o como *cajueiro*, fato que chamou a atenção do meritíssimo.

Apregoadas as partes, aberta a audiência, prontamente, o Juiz indagou ao autor se ele era um ser vivo pertencente ao reino dos vegetais ou ao reino animal. O coitado, que sequer concluiria *Madureza Ginásial*, sem saber o que dizer, falou que de reinado só tinha conhecimento, por ser um crente, da existência do reino dos céus.

O meritíssimo, não satisfeito, fez-lhe então outra pergunta: "*Quantos cajus você produz por cada safra?*"

---

\* Juiz do Trabalho da 22ª Região

*"Como assim?", perguntou o incrédulo demandante.*

*"Eu explico", tranquilizou o magistrado. "É que seu advogado o qualificou como sendo cajueiro, a planta que produz o caju e que a patuleia o tem como o fruto, mas, na verdade, é o pedúnculo, que serve para fazer suco, cajuína, doce e quejandos, sendo a castanha, da família das oleaginosas, o verdadeiro fruto, muito apreciada como petisco, sobretudo quando salgada. Isso sem dizer que harmoniza bem com um chopp cremoso e bem tirado, num final de tarde de uma sexta-feira, com uma turma de amigos".*

Mesmo atônito com aquela enxurrada de informações, o humilde cidadão atraído pelo amplo acesso ao Judiciário, disse: *"Se é assim, eu não sou cajueiro não, seu doutor, sou gente mesmo".*

Foi então que o juiz lançou um olhar enviesado na direção do zeloso causídico que, constrangido, e cheio de trejeitos, a título de se justificar, embaralhou as mãos, enquanto atropelava alguns monossílabos, além de deixar escapar uma série incontrolada de onomatopeias.

Por sua vez, o advogado do empreendimento rural, que mal continha o riso, vendo a saia justa do colega, quis se aproveitar da situação e impressionar o meritíssimo. Ajeitou o nó da gravata e, com um ar professoral, pediu a palavra, que lhe foi concedida.

*"MM Juiz,<sup>1</sup> em vez de cajueiro não deveria o nobre colega advogado ter qualificado o autor como cajucultor?"*

Por trinta segundos, o culto advogado, que até então se julgava o senhor da situação, esperou a resposta do magistrado, que, impassível, no seu íntimo, parecia mais pedir perdão ao Altíssimo pelos pecados cometidos na juventude.

Percebendo que não obteria resposta, o advogado, após vomitar uma meia dúzia de latim, crente que estava impressionando o juiz com sua erudição reluzente, concluiu

---

<sup>1</sup> Foi assim mesmo. Ao invés de pronunciar *meritíssimo*, disse *"eme-eme Juiz"*.

dizendo: *"E por conta disso, não seria a hipótese de inépcia da inicial? Se assim for, fica, desde já, a tempo e a modo, requerido a V. Exa., de quem espera deferimento, por ser da mais lúdima justiça e sob pena da condenação do autor nas cominações legais e de estilo"*.

*"De que estilo, o doutor está a falar?"*, indagou o juiz, agora com a face contida. *"Hã?"*, disse o advogado, pego de surpresa. *"Esqueça"*, falou o juiz, com um gesto de desconsolo.

Algo está fora da ordem, refletiu o magistrado com seus botões. É certo que o trabalhador, na maioria das vezes, é tratado como uma alface, mas isso vindo do próprio advogado! Será que fracassamos?

Já era tempo de por fim àquela tragicomédia, concluiu. E, para isso, só poderia contar com a ajuda daquele que, ali, naquela audiência, lhe parecera a pessoa mais autêntica: o humilde trabalhador rural, para o qual se dirigiu e indagou se, afinal, era ele um *cajucultor*, em outras palavras, se plantava, produzia, cultivava, colhia, beneficiava, comercializava ou industrializava o produto conhecido popularmente como caju.

Com serenidade, o humilde ser vivente respondeu: *"Não, doutor, eu sou mesmo é um boia-fria, apenas faço capina, aceiro, arranco toco, apanho castanha, queimo monturo, e, às vezes, quando o encarregado não está por perto, chupo um cajuzinho"*.

Pano rápido.

# O vento

**Kleber de Souza Waki\***

De repente, estávamos acostumados com a morte. Milhões caindo em sequência numa guerra não declarada em face um inimigo invisível e contra o qual todos – homens e mulheres, jovens e idosos – fomos compulsoriamente alistados.

Mas, antes da guerra ter início, esse vento começou a nos atingir, persistente e crescente na intensidade. Deve ter surgido como brisa, depois como ventarola e ventania. Como dizia aquela música, agitava as nossas pipas, bagunçava com nossos cabelos, vez ou outra divertia-se levantando as saias das moças ou mulheres distraídas – e havia até quem dedicasse boa parte do seu tempo para ver o vento brincar, sem pudor, com aquelas pessoas que sempre eram surpreendidas com esse fenômeno.

A ventania, não demorou e se transformou nesta tempestade de vento, elétrica, confusa, inconveniente, incômoda, devastadora e incessante. Passou a determinar os dias em que posso ver o sol ou conversar com as pessoas. Define o que e quando posso comer. Arranca os cabelos, os acessórios e até as roupas de todos que se aventuram desafiá-la, expondo nossa nudez ao público, para aqueles que ainda conseguem enxergar através deste furacão. Há aqueles que desistiram da resistência e passaram a vagar nus, por aí, em bandos ou solitários, professando uma estranha fé sobre o

---

\* Juiz do Trabalho da 18ª Região



vento. Dizem esses vagantes que tudo está no vento, do princípio ao fim, e que basta minerar o que está no ar que respiramos. Dizem que o vento se alimenta de nós e que nós vivemos para adorá-lo.

Talvez isto explique a morte espalhada pelo ar e como nos transformamos literalmente em pó. Estamos aqui e, no instante seguinte, *pof!* Somos pó espalhado ao vento, sem direito a cerimônia de um adeus.

Eu gostaria de ter me despedido de meu pai, mas o vento o levou tão depressa quanto o tempo de uma piscadela. Também não foi possível me despedir de meus melhores amigos e amigas, dos vizinhos e dos trabalhadores ao nosso redor. Tudo tão repentinamente. Na mesma velocidade fomos obrigados a esquecer os rituais fúnebres, a memória dos que se foram, o luto, os planos de vida, os sonhos de um futuro. Nunca mais se viu uma propaganda de margarina.

Não sendo um vagante, ainda nos restam muitas perguntas: para que serve mesmo a vida, senão para ser arrastado e tragado, sem aviso, por este vento impiedoso? Quando este vento vai se dissipar?

Ouvi falar que ainda chove em alguns lugares, não com a mesma frequência, intensidade e nem dentro das estações do ano, que não mais existem. Mas, chove. Vi a água cair uma vez sobre a cidade. O vento continuou a lutar com bravura, mas o pó dos homens agarrava-se às gotas da chuva e caía ao chão como barro. Neste dia especial, vi os homens reunidos em torno deste barro, houve funerais e discursos emocionados.

Dizem por aí que um de nós, no instante em que ia virar pó, pela Graça de uma chuva repentina e inesperada – ou coisa parecida –, tornou-se barro em vida e, por isso, enganou a morte, pois não mais combate e nem é fustigado pelo vento, mas acho que tudo isso que dizem só pode ser lenda urbana ou folclore.

Só sei que precisamos de um dilúvio e, pelo que me lembro, há uma promessa de que ele não vai mais acontecer. Ao menos, não acontecerá naturalmente.

# O vento também se bebe

Dulce Olenca Baumgarten Padilha\*

A notícia caiu como uma bomba. O "Oliveira" afundara. O pai voltaria, para decidir o futuro da família, tão logo resolvesse o destino dos "embarcadiços". A mãe arriou. Eu pulei no meu veleiro, enfunei a vela de filó e parti. A embarcação era segura. Tinha até marca: "Patente". Quatro grades de madeira maciça vedavam a entrada às desgraças do mundo, nem palmadas ou vozes ali penetravam. Era um barco de respeito e a mãe sabia disso.

A volta do pai demorava. A mãe dizia que não tinha mais dinheiro. Não sei por que tanta preocupação! O armazém do seu Leandro estava bem ali, na esquina, uma porta para cada rua. Seu Leandro tinha o rosto rosado, vasta cabeleira branca, enquadrado pelas prateleiras que continham tudo de que precisávamos. Era só apresentar a caderneta, que tinha uma gêmea embaixo do balcão, e tudo que se queria, aparecia. Magia pura. Seu Leandro nunca soube o quanto foi admirado, adorado mesmo por aquela menina. Até hoje quando tenho de dar feição humana a Deus, é o rosto dele que vejo.

O pai não chegava. Eu, a mãe e o seu Leandro esperávamos. O meu irmão só esperava encontrar um campinho de várzea para jogar futebol e sempre achava um. O café com leite, pão e

---

\* Desembargadora do Trabalho aposentada da 4ª Região

manteiga, foi substituído por café preto com pastel frito, recheado de guisado e ovo. Mais uma contribuição do seu Leandro. Achei a troca deliciosa. Inclusive agora, estando eu na cidade ou na estrada, não resisto a uma taça de café preto acompanhada de pastel.

No final do mês o pai chegou, muito apressado para deixar a casa, por causa do aluguel. Devíamos viajar logo, na cabine do caminhão de mudança. Isto porque a mãe bateu pé e disse que não ia sem "os móveis que o papai trouxe da Alemanha". Eles foram na carroceria, acompanhado de outros. Os humanos na cabine. Meu irmão e eu íamos disputando o colo da mãe, que era mais macio que o do pai. A pensão seria nossa casa. Já sabíamos que ficava antes da cidade, separada pelo arroio, que ficava a direita e dava passagem por uma ponte de ferro. A estrada, serpenteando nos altos e baixos das coxilhas, ficava paralela ao açude, localizado a esquerda. A cidade, dali nem se enxergava.

Os móveis trazidos da Alemanha, o guarda-roupa e a cristaleira, por altos e fortes, só encontraram guarida no galpão. Eu não entendia o ar de desgosto de minha mãe quando ia visitá-los. Para mim ocupavam o lugar mais cobiçado da pensão. Ali sempre havia uma fogueira para aquecer as gentes e a água do mate. Os carroceiros que ali pernoitavam contavam "causos". As estórias adentravam a noite. Eu sentia inveja deles que não precisavam arredar pé na hora de dormir. Ouviam as estórias até o fim, e assistiam a todas as chegadas e partidas.

No que me dizia respeito, os medos de minha mãe eram três: que eu caísse no arroio, que a avestruz do pátio dos fundos, vazasse meus olhos, pensando que eram contas, e dos dias de ventania. Quando ainda dia o céu escurecia e as mulheres corriam a por trancas nas janelas, era hora de escapulir. Só falavam do pé do vento, da poeira que levantava, das aberturas que forçava. Mas eu sabia de outros poderes. Tinha braços que empurravam e punha asas nas pessoas que corriam.

Muito magra, saia rodada, cabelos soltos, corria pela estrada já empurrada pelo vento. No início, em paralelo com as águas do açude, que ganhavam crinas, e em tropel, cavalgavam pelo campo. Já no topo da primeira coxilha conseguia erguer a um só tempo, os dois pés. Era aí que entrava o medo de minha mãe, que já me via com a cabeça nas nuvens e os pés nunca mais no chão.

Mas na pensão, sempre havia um guri de plantão, disposto por algum tostão, a correr mais do que eu. Seguíamos no pega-pega, no negaceio, demorava a por as mãos nos meus cabelos. Ah! Naquele tempo eu já desconfiava, e, hoje eu tenho certeza de que se não houvesse na pensão aquele guri, eu teria voado bem alto, e aí sim a cabeça nas nuvens e os pés nunca mais no chão. A volta era mais alongada por conta do vento que soprava contra. Eu vinha na frente, com a luz dada pelo guri, e descobria que o vento também se bebe!

# *Princípio da contradição intrínseca*

**Wagson Lindolfo José Filho\***

TRIBUNAL UNIVERSAL DE SAPIENTIA  
ATA DA 41ª SESSÃO, EM 28 DE OUTUBRO DE 2013  
SESSÃO ORDINÁRIA

Pelas quatorze horas, sob a Presidência do Desembargador MÉVIO ABÓBODA CELESTE, presentes o Desembargador BELTRANO RESSABIADO e a Desembargadora SETEMBRIANA CONFÚCIO MALAQUIAS. Em discussão, foi aprovada sem emendas a ata da sessão anterior. ORDEM ADMINISTRATIVA – Comunicações e proposições: Com a palavra, o Desembargador MÉVIO ABÓBODA CELESTE propôs voto de congratulações em virtude da passagem dos aniversários natalícios do Jurisconsulto Jean Google Wiki e do Advogado Honorarius Minimus Martins, respectivamente nos dias 15 e 18 do corrente mês. O Tribunal, à unanimidade de votos, aprovou a proposição, com a associação do Procurador Regional, determinando o envio de comunicado aos homenageados. Facultada a palavra aos membros da Corte, o Desembargador Presidente comunicou que a Corregedoria

---

\* Juiz do Trabalho da 14ª Região

Universal finalizou o novo manual de práticas taciturnas em hard cases, o qual será disponibilizado na intranet deste Tribunal. A Desembargadora SETEMBRIANA CONFÚCIO MALAQUIAS parabenizou a Corregedoria por mais esta contribuição prestimosa. Ato contínuo, passou-se aos trabalhos da Corte. JULGAMENTO: RECURSO EXTRAESPECIAL Nº 6878-99.2012.6.14.0001. Em prelúdio, foi dada a palavra ao relator Desembargador MÉVIO ABÓBODA CELESTE. Após minuciosa exposição do caso posto em julgamento, o relator proferiu proposta na qual proferia o recurso. Entretanto, antes da colheita dos votos dos demais pares, o ilustre Desembargador apresentou divergência de sua própria proposição. Atônito, o Desembargador revisor BELTRANO RESSABIADO questionou o procedimento utilizado. Em resposta, o pujante relator propugnou acerca do novel "princípio da contradição intrínseca", de inspiração Feng Shui e criado no século XVIII pelo jurisconsulto chinês Yin-Yang. Em epítome, proferiu discurso demasiado facundo que pode ser recopilado na seguinte fórmula: "Divirjo de mim mesmo". Diante disso, instaurou-se questão de ordem sobre a possibilidade do próprio relator divergir de voto por ele mesmo proferido. Dada a palavra ao Procurador Regional, este ressaltou a grandiloquência inestendível da tese aqui esposada, o que contribuiria para o revigoramento da Gnosiologia Jurídica. A Desembargadora SETEMBRIANA CONFÚCIO MALAQUIAS aplaudiu com gritos de júbilo a iniciativa, aduzindo que o princípio nascedouro encontra supedâneo no vetor axiológico supremo e inquebrantável da dignidade da pessoa humana. Por sua vez, o Desembargador revisor BELTRANO RESSABIADO elogiou a sabedoria Jedi do seu par, e, refluindo de sua manifestação inicial, disse que este portentoso Tribunal está diante de um quantioso precedente. Asseverou, inclusive, que a ideia reforça a chamada estrutura ontológica objetiva, calcada no método da dialética incessante. Superada a questão de ordem, prosseguiu-se o julgamento. O mérito recursal foi relegado ao segundo plano, porquanto os debates anteriores do colegiado esgotaram por todo a matéria

de fundo. Por maioria, este Eg. TRIBUNAL UNIVERSAL DE SAPIENTIA, nos termos do voto divergência apresentado (alter ego negativo), conheceu e negou provimento ao recurso, vencido apenas o alter ego positivo do relator. O Desembargador revisor BELTRANO RESSABIADO acresceu sugestão no sentido de condenar o recorrente em litigância de má-fé (contempt of court), uma vez que este energúmeno teria induzido em erro o alter ego positivo do Desembargador presidente. A sugestão foi de pronto acatada pelo colegiado, inclusive pelas diversas personalidades manifestadas pelo Desembargador MÉVIO ABÓBODA CELESTE. Por fim, a Desembargadora SETEMBRIANA CONFÚCIO MALAQUIAS propôs a publicação do leading case (lógica retalhista baseada no princípio da contradição intrínseca) nos Anais Jurídicos do Tribunal, o que foi atendido, com louvor, pelos partícipes da tribuna. Dado o avançar da hora, além do fator inquietante e sacro da merendola vespertina, finalizou-se os trabalhos do dia. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. Do que para constar eu, Diretor-Geral e Secretário das Sessões (Lacaoio Servo Servil), lavrei a presente Ata, que, depois de lida e aprovada, vai assinada pelos presentes.

# Quadro na parede

Jairo Vianna Ramos\*

Depois de tanto tempo em que a tela me seguiu vida afora, eu a fitei com atenção. Indaguei-me o motivo de nunca tê-la olhado assim, mas nem consegui me responder por quanto tempo a possuía, se possível fosse, porque as obras de arte, em geral, são as possuidoras daqueles que as admiram. Eles sim, os espectadores ou ouvintes, são os possuídos, invadidos nos corações e nas mentes. Nesse caso, a regra seria inaplicável, embora sempre ela me acompanhasse. Nem sei como apareceu. Deve ter sido coisa da minha avó, porque ela gostava de pinturas e a tela ficava no quarto que eu dividia com meu irmão, na época em que morávamos na mesma casa. Quando fui para outra cidade, em razão de emprego que conseguira, a tela seguiu com a mudança providenciada pela minha mãe. Depois me casei e a tela se mudou de casa. Descasei e tornei a me casar. A tela fazia sempre parte de uma espécie de partilha tácita e ficava comigo.

Mais uma vez descasado, destacava-se a tela no único quarto do pequeno apartamento onde passei a morar sozinho. Quem providenciara a mudança fora o meu filho mais velho, vindo do primeiro casamento, porque, quando do último desenlace, resolvi viajar escoteiro, a fim de pensar no fim. Ele deve ter pregado

---

\* Juiz do Trabalho aposentado da 3ª Região



o quadro naquela posição, sempre visível da minha cama. Era uma marina, como se diz. Havia um barco, em primeiro plano. Nele estavam um homem idoso e um menino sentado na popa. O homem remava com vigor, como deduzi pela expressão do rosto e pela turgidez dos músculos das mãos de veias ressaltadas. Ao fundo, era visível uma praia ou ilha, com uma edificação de provável farol. Espantei-me pelo tempo perdido sem observar a obra amiúde. Voltei ao passado e recordei que o meu irmão – e companheiro de quarto – algumas vezes comentara algo sobre o quadro. O que teria sido? Saí para o trabalho pensando na tela e principalmente na moldura que a desvalorizava. Concluí que o quadro merecia guarnição melhor. Ao chegar à noite, cansado, deitei-me e dormi imediatamente. Ignorei a tela.

No dia seguinte, quando abri os olhos, lá estavam o velho e o menino. A luta contra o vento e a maré. O mar encapelado. Agora eu via algumas pinceladas mais fortes em alguns lugares. A assinatura do artista ilegível. Quem seria o autor? Mas isso não importava tanto, era belíssimo. O olhar do menino transmitia pânico e o rosto do remador dessa vez me parecia acusar dor imensa. Pensei ter visto gotas de sangue em suas mãos e restou evidente que a ilha, ou praia, estava mais distante. Feitos os preparativos pessoais matutinos, vesti-me para o trabalho e apanhei o quadro para levá-lo a uma loja de molduras que descobrira no dia anterior. Escolhi uma compatível com a paisagem, discreta, incapaz de roubar o brilhantismo do artista, quem quer que fosse. Comprei uma pequena luminária para dar realce. Ao chegar a casa, coloquei o quadro em seu lugar e instalei a iluminação. Fiquei certo tempo observando o efeito. Agora a tela se sobressaía e eu vi uma lágrima descer no lado direito do rosto do menino, mas logo ela sumiu. Deduzi o medo e o farol mais distante. O velho arfava, parecia lhe faltar fôlego. O mar cada vez mais bravio. O socorro era iminente. A tela ganhou vida e eu queria ajudar seus personagens. Tentei empurrar o barco com uma das mãos, com as pontas dos dedos. Senti a umidade. Levei os dedos à boca e provei o sal. O vento

aumentava o encapelado e a ilha ficava cada vez mais distante. Fiz uma oração pelo velho e pelo menino e os vi num só. Sentei-me à cama e agarrei os lençóis nas mãos, lateralmente ao meu corpo, como se fossem remos. Remei. Do quadro, escorria um fio de oceano, que se espalhava a marejar pelo quarto. Os meus olhos destilavam o sal do presente, do passado e do futuro. Da minha boca, saiu um descontrolado grito de estímulo, de resistência, de chegar ao objetivo – praia ou ilha? Terra firme.

# Um vício moderno

Gilberto Garcia da Silva\*

Os anos passam, as obsessões mudam. Quando criança, conta minha mãe, eu passava horas entretido com um brinquedo chamado pega-varetas. O fascínio produzido pelo jogo era tamanho que a própria órbita terrestre parecia depender do meu desempenho. Tempos depois, numa época que a memória já é capaz de alcançar, lembro de um programa de televisão – uma série protagonizada por um homem biônico –, consumindo minha atenção ao ponto de num sábado de manhã eu me trancar no quarto e escrever meu próprio episódio (que, para o bem da humanidade, nunca foi concluído nem publicado).

Vencidas essas primeiras fixações, outras surgiram. Um determinado videogame que explodia de sucesso entre a garotada, um certo tipo de literatura que fazia o coração disparar de medo, o xadrez. Todas exigiram longas sessões mais ou menos torturantes de trabalho para dominar a arte que naquele instante se apresentava como o ápice do engenho humano. Até que um dia, quando as tramas e truques já não causavam encanto ou surpresa, ou ao menos tanto encanto e tanta surpresa, o interesse diminuía até desaparecer. E ser substituído por outro, o que, em nome da minha sanidade mental, espero que aconteça com todas as pessoas.

---

\* Juiz do Trabalho da 1ª Região

Vistas em retrospecto, essas obsessões parecem um ensaio do que viria. Porque o mundo, esse vórtice incansável, acabou por me oferecer outro objeto de devoção, ainda mais interessante e desafiador. Os comentários de internet.

Confesso com alguma vergonha. Já deveria estar maduro o suficiente para me deter no que importa e descartar o supérfluo, mas a verdade é que não sou capaz de resistir. Toda vez que entro no Facebook, no YouTube, no Twitter, no Whatsapp, numa página de jornal, vou direto aos comentários. Muitas vezes leio a notícia pela metade, ou sequer leio, para correr até os pequenos textos de rodapé. É ali que me divirto, é ali que entro em contato com o meu semelhante num nível íntimo e profundo, descobrindo seus pânicos e desesperos, suas ânsias e desejos. No conforto de casa, devasso a mente dos demais habitantes do planeta e conheço o mundo que me cerca.

Depois de tanta dedicação, desenvolvi uma tese. As manifestações anônimas definem a humanidade neste primeiro quarto de século. Quem quiser saber como o mundo funciona não precisa ler os cronistas nem os jornalistas do dia. Também pode dispensar filmes e romances. Basta ler os comentaristas não profissionais que infestam o universo digital. Ali se concentram as informações que permitem compreender o mundo. É possível até prever o futuro – que o diga a ciência dos algoritmos.

Imagino que isso aconteça porque os becos escuros da internet garantem a espontaneidade que vai se perdendo no dia a dia. Aqui, na vida real, entre pessoas de carne e osso, já não se pode falar qualquer coisa nem redigir qualquer mensagem. Sempre pode ter alguém filmando ou imprimindo telas. Um perigo!

Mas lá, nas trincheiras recônditas dos computadores, bem ocultos por apelidos e avatares, os indivíduos ainda são livres. Nesse território selvagem (democrático?) formado por chips servis e nanocondutores que não conhecem a arte da delação (por enquanto, pelo menos) se pode pensar e falar sem limites.

E as pessoas falam. E expõem, sem o menor pudor, a Grande Esquizofrenia do Mundo. Se duvidar, faça a experiência. Tome qualquer artigo de jornal como exemplo. Havendo paciência, leia. Não havendo, vá direto aos comentários. Neles muito provavelmente estarão estampadas as inúmeras formas de se enxergar o mundo e se encarar qualquer tema, quase sempre lavradas em tom ofensivo e português ruim. De um extremo ao outro da paleta de opiniões, passando pelos moderados e pelos que assim tentam parecer, será possível encontrar a grande característica da modernidade: todos medem tudo pela própria régua; ninguém considera a possibilidade de estar errado.

Às vezes imagino como será o futuro. Vamos nos encarcerar em gaiolas douradas, vivendo em universos customizados e tolerando apenas os que pensam da mesma forma? O medo e a ansiedade vão nos bestializar? A guerra virtual vai se tornar batalha real? Ou seremos capazes de estabelecer um ambiente capaz de conciliar tantos interesses divergentes e abrir caminho para alguma compreensão mútua?

Admito: não sei responder. Por isso vou usar meu novo vício: ler os comentários que surgirem. De repente aparece por lá alguém que sabe.

# Você sabe qual o coletivo de muriçoca?

Esmeralda Simões Martinez\*

Por que complicar o que é fácil? Vocês lembram-se da lista imensa de coletivos que a gente aprendia, ou ainda aprende, não sei se no primário, hoje ensino fundamental? Eu ainda lembro-me de alguns, porque no meu tempo de escola a gente tinha mesmo de decorar aquela imensa lista de coletivos:

Alcatéia – de lobos;

Manada – de bois;

Nuvem – de gafanhotos;

Constelação – de estrelas;

Matilha – de cães;

Vara – de porcos;

Tropa – de burros;

Cáfila – de camelos;

Conclave – de bispos, acho que de cardeais para eleger o papa, sei lá.

Digam-me para que droga eu quero saber que uma porção de camelos enfileirados é uma “cáfila”, eu nem vivo no Oriente Médio, não moro no Katar, onde a troca da guarda é feita com os “guardas” montados em camelos. Também não vou ser trocada por uma “cáfila”.

---

\* Juíza do Trabalho da 5ª Região

E "vara", para que "diabos" eu quero saber que muito porco forma uma vara? Grossa, diga-se de passagem, imaginem uma vara feita de porcos! Palavra mais desapropriada para esta coletividade.

Conclave então que desuso! Os papas demoram tanto para morrer, que o coletivo é de uma inocuidade imensa, a tendência é desaparecer.

Bom, mas há um coletivo que abrange todos os outros e a gente não precisa ficar lembrando desses vocábulos criados para exprimir grandes quantidades de coisas iguais: pois é, eu sei de um que me foi ensinado pela minha colaboradora.

Um dia estava eu em casa, acho que vendo alguma coisa na televisão, e a minha colaboradora chega na porta da sala e me diz:

– Dona Esmeralda, dentro do quarto lá do fundo tem um cardume de muriçocas:

– Como é que é? Tem um cardume de quê?

E ela com toda a propriedade repete:

– Um cardume de muriçocas.

Tentei controlar o riso, não queria que ela percebesse que estava me "pipocando" de rir por dentro por causa daquele coletivo tão bem aplicado, que quando aprendi era equivalente a muitos "peixes". Também não lhe dizer que o coletivo era de peixes e não deveria ser aplicado em relação à muriçocas, que, aliás, de coletivo tinha mesmo só a quantidade e as picadas, pois não aprendi na escola tal coletivo para estas pragas, que incomodam muito, talvez, quem tenha idealizado os coletivos nunca tenha tido contato com estes pernalongos malditos.

Naquele dia comecei a pensar nos coletivos; descobri que já tinha esquecido um monte deles, e tive de concordar que um "cardume" poderia substituir mesmo todas as grandes coletividades de qualquer coisa. Por que não? Além de tudo ter-se-ia a vantagem de não errar nunca, erraríamos somente uma vez e pronto, o erro viraria um sofisma e passaria a ser

uma verdade real aceitável por todos que apenas diriam: vi um cardume de caranguejos, um cardume de "gajas", enfim com a utilização do vocábulo "cardume" já se estaria dizendo que havia uma grande quantidade, todos entenderiam perfeitamente.

Bom, mas eu tive o privilégio de, em muitas oportunidades, ouvir este coletivo lá em casa. O que eu pensei ser um erro, que eu não saberia consertar, porque nunca soube mesmo, e até hoje não sei, talvez o mais próximo seja "nuvem", qual o coletivo de muriçoca, passou a ser comum lá em casa, inclusive, eu própria comecei a usá-lo; seja a sério, seja na gozação.

Lá em casa muitos livros era um "cardume" de livro; bolas de natal que ficavam guardadas para a época própria eram referidas assim: – Tem de comprar mais enfeites para a árvore de natal?

– Não Dona Esmeralda, tem um cardume de bolas lá no armário.

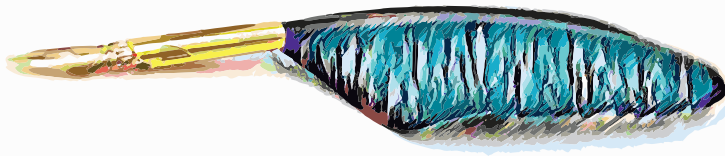
Fiquei com o "cardume" na cabeça. E quando eu queria mesmo me referir a quantidades e usava esta palavra, vi que algumas pessoas me olhavam diferente, como se eu tivesse falando uma grande barbaridade. Lógico que ninguém se atrevia a consertar o erro, mas imagino quantas vezes não devo ter sido criticada por errar uma coisa tão boba. Afinal uma doutora Juíza não pode cometer um erro deste. Nunca me preocupei com isto e continuei, na gozação, ou não, porque as vezes me atrapalhava mesmo e dizia com muita propriedade, aquela que me foi transmitida por minha colaboradora: vi um cardume de gente na rua hoje, vi um cardume de pássaros, e assim por diante.

De tanto divulgar este fácil coletivo, ganhei adeptos, pois não é que em Lisboa o meu amigo Zé, a quem contei esta estória, me veio com esta: "Tem um cardume de pretos no Martin Muniz"!

Pois é, para quem esqueceu os coletivos dou um conselho: usem "CARDUME" para qualquer coisa em quantidade. É fácil e todo mundo vai entender o que você quer dizer.







# Poesias





# Data-driven Poetry

José Eduardo de Resende Chaves Júnior\*

I

Álea  
de dados  
e dedos  
Tecla  
peteleco  
*incipit*  
*input* completo

II

zeros e uns outros  
palavras caladas  
mudas  
silêncio solto no texto  
é a lira dos dados  
ventura das teclas  
rimas, rebotes, ricochetes  
nos entremeios, repica o poema.

---

\* Desembargador do Trabalho aposentado da 3ª Região  
O texto foi vencedor, na categoria poesia, do 1º Concurso Literário da Anamatra.

# De máquina a nuvem

Leonardo Vieira Wandelli\*

Tudo que é sólido desmancha no ar  
Tudo que é nuvem um dia foi mar  
Uma nuvem me levou pra voar  
Num mundo que já não era  
Era do *i*-mundo, da nuvem, que era!  
Condensado sem deleite  
Condensado de gente  
Que não chove  
Nem sangra  
Coagula

Tudo que é nuvem um dia foi mar  
Mar vermelho, batido em clara de neve  
Chantilly de gente  
Era nuvem passageira  
E eu pensava que voava  
Avoado  
Perdia o chão  
E não caía  
Flutuava  
Tudo que é sólido desmancha no ar

---

\* Juiz do Trabalho da 9ª Região

# *Não posso voltar atrás*

**Dulce Olenca Baumgarten Padilha\***

Não posso voltar atrás dos filhos que pari,  
Dos pais que já perdi,  
Do trabalho que escolhi,  
Da casa que não comprei,  
Da outra que abandonei,  
Do tempo que não sabe parar  
E que eu não vi passar!

---

\* Desembargadora do Trabalho aposentada da 4ª Região

# *Nenhuma delas... Todas elas!*

**Rosana Caldas\***

Nenhuma delas pode ser calada  
nem na palavra,  
nem no pensamento.  
Nenhuma delas pode tocada sem consentimento  
nem no seu corpo,  
nem nos seus pertences.  
Nenhuma delas pode ser ameaçada  
nem por poder,  
nem por vaidade.  
Nenhuma delas pode ser desmerecida  
nem pelo nível social,  
nem pela aparência.

---

\* Juíza de Trabalho da 23ª Região

Nenhuma delas pode ser oprimida  
nem pela sua submissão,  
nem pela sua omissão.  
Nenhuma delas pode ser julgada  
nem por suas escolhas,  
nem pelas suas vestes.  
Nenhuma delas pode ser agredida  
nem pela desigualdade física,  
nem pela fragilidade emocional.  
Nenhuma delas pode ser penalizada  
nem por suas ideias,  
nem por suas atitudes.  
Todas elas devem lutar pela libertação daquelas que a vida,  
passada ou presente, as acorrentou!  
Todas elas devem se unir para devolver a dignidade,  
a coragem, os sonhos, a voz e as atitudes daquelas.  
Todas elas dependem da união pelo compromisso social  
da libertação das correntes patriarcais.  
Enquanto uma delas estiver acorrentada,  
nenhuma delas será totalmente livre!



# *O sertão e o desejo*

**Lisandra Cristina Lopes\***

Venho de um lugar quente  
de sol opressivo  
de cinza paisagem  
de mulheres vorazes  
com seus abraços sufocantes  
que intimidam e assustam e agradam

Mas é quando a chuva cai e desperta  
o verde, há tanto tempo adormecido  
É nos poucos dias em que o ar se torna frio  
aconchegante  
quase gentil  
Que solto meus cabelos  
Que ganho olhos acesos  
Que o sol nasce em mim  
Denso, exigente e agressivo.

---

\* Juíza do Trabalho da 21ª Região

# *Poesia das mãos de pedreiro*

**Vanilson Rodrigues Fernandes\***

Minha poesia é crua, dura, calejada  
Tal quais mãos de pedreiro  
Sem regras, sem ser normatizada

Se não há regras para o trabalho  
Por que haveria para minha poesia

Se não há capacetes, botas ou luvas  
Por que pontos, acentos ou vírgulas

Sem normas  
Sem cintos de segurança  
Sem mestres  
Na minha obra

Não há sonetos, nem sextetos  
Só versos heterométricos  
Pra garantir a pujança  
Da construção de egocêntrico

---

\* Juiz do Trabalho da 8ª Região

Meu verso se equilibra no andaime  
O servente passa palavra que não serve  
Menos água nessa massa  
Mais cimento nessa rima

Ao meio dia, o calor nos ferve  
O cobre quebrado nos traz esperança

A estrofe de concreto armado  
Não firma o firmamento  
O edifício de palavras se balança  
O vento sacode o pedreiro

Tijolos formatam o poema  
A poesia não se afirma, porém  
De repente tudo vem ao chão

As mãos calejadas  
A viga esmagou  
O servente se foi também  
Ainda com a palavra amor na mão  
Era óbvio demais aquela rima

Tudo soçobrou

Se não há regras  
O trabalho se acabou

Das mãos calejadas  
Não ficou mais nada  
No fatídico dia  
Só restou a poesia

# Sintomas de Apocalipse

Gilberto Garcia da Silva\*

é noite  
satélites orbitam o globo  
vozes sem corpo elencam atrocidades

punhos erguidos e nações paralisadas  
laboratórios clandestinos e urânio enriquecido  
óleo espesso e tartarugas mortas  
crianças baleadas e caixões brancos  
bombas e escolas  
robôs e desempregados  
especialistas e sinais de nova crise

apago as luzes  
caminho até a janela  
observo o mundo  
(a bula falava de efeitos colaterais

náuseas  
tontura  
sonolência)

(bulas são fiéis companheiras, apesar de inúteis:

ansiolíticos não curam o câncer que o medo  
antecipa  
psiquiatras não devolvem dias perdidos)

---

\* Juiz do Trabalho da 1ª Região

fecho os olhos  
o ruído das ondas chega abafado  
precisou atravessar jardas de areia, asfalto, concreto e vidro  
– além do pensamento atulhado de coisas vermelhas e  
amarelas –

(seria bom ter espada e armadura,  
transformar-se em cavaleiro medieval,  
dono de honra simples

matar dragões, salvar donzelas e morrer de gripe aos trinta  
e um)

não, nada disso  
dr. Sigismundo proíbe fantasias  
neuroses comprometem a sanidade, explica entre baforadas  
melhor aceitar:

tuas mãos modelam o barro, mas não impedem  
movimentos  
tectônicos  
a espécie sobreviverá, você talvez não

agora inspire fundo e escancare as retinas  
veja os raios marcando a superfície do mar  
as nuvens evoluindo no céu  
o vento chacoalhando os caixilhos da janela  
para onde você vai depois que o temporal devastar a tua casa?

# Sou o lixo

**Adriana Leandro de Sousa Freitas\***

Eu vivo no lixo,  
Eu moro no lixo,  
Eu sou o lixo!  
Represento a miséria,  
a indignação,  
o descaso,  
a inação,  
a tristeza,  
a ingratidão.  
Vivo a catar  
a dignidade,  
a oportunidade,  
a visibilidade,  
a respeitabilidade,  
a igualdade.  
Do lixo, vivo a tirar  
o desperdício,  
a indiferença,  
a desproteção,  
a doença e até a morte.

---

\* Juíza do Trabalho da 1ª Região

Esperança pouco tenho...  
Basta olhar o lugar.  
Difícil me achar, onde o resto é o que há.  
Navego na sujeira, com o chorume a sufocar,  
Tiro dali o que não se quer,  
o que se despreza,  
o que não se faz mais importar.  
É assim o meu sustento  
e o meu lamentar.  
Para uns, tenho certeza  
sou imperceptível, esquecido,  
alguém que não gosta de trabalhar.  
Pela escolha, devo seguir, agradecendo a sorte.  
Para outros, talvez, seja um trabalhador honesto,  
aguerrido e forte  
sem oportunidades e que sobrevive à margem.  
Eu que reze para melhorar.  
Poucos me enxergam como humano,  
Com anseios a galgar.  
Mais fácil me ver perdido  
nas montanhas do que não tem valia,  
Do que não se quer,  
Do que já é quase nada...  
Assim como eu.  
Só me resta resignar  
e driblar a cada dia  
o triunfo da fome e da pobreza.  
Afinal, não há como ocultar...  
Eu vivo no lixo,  
Eu moro no lixo,  
Eu sou o lixo!

# Suicida

Antonio Umberto de Souza Júnior\*

Emprestou-me a caneta  
a virtude de ver  
como a folha  
resignada  
aceita o vinho  
derramado

amassada  
a via  
a ocultar  
a passagem da conversa  
(envergonhada)

Lirismos de lado  
a folha  
resignada  
assina sua própria  
sentença de morte

---

\* Juiz do Trabalho da 10ª Região



## Um circo na cidade

Geraldo de Castro Pereira\*

Um dia, em minha cidade,  
Não sei de onde surgiu,  
Montaram um pequeno circo  
Em um terreno baldio.

Pelas ruas um palhaço,  
(Acho que era um anão),  
Montado num cavalinho,  
Gritava a pleno pulmão:

"E hoje tem espetáculo,  
E amanhã também tem"  
E, por favor, compareçam  
Ao circo do "Zé Vintém".

Quase todos os meninos,  
Numa grande algazarra,  
Iam atrás do palhaço,  
Numa infundável farra.

---

\* Desembargador do Trabalho aposentado da 17ª Região

O palhaço resolveu  
Ao contrário ir montado.  
O cavalo não corria,  
Pois era bem ensinado.

Eu também quis fazer parte  
Dessa alegre brincadeira.  
Nenhuma vez fui ao circo,  
Talvez seria a primeira.

É que o palhaço falou  
Para os meninos somente  
Que iria distribuir  
Ingressos gratuitamente.

Sem ligar para a gramática,  
O palhaço assim gritava:  
"Óia a moça na janela  
Com a cara de panela".

Se ficava alguma jovem  
Olhando pelo portão:  
"Óia a moça no portão  
Com a cara de carvão".

Virava pra a meninada,

Que fazia um banzé:

- "E o paião o que é?"

- "É ladrão de muié".

- "Eu vou ali e vorto já"

- "Vou panhá maracujá".

- "Eu vou ali e vorto cedo".

- "Vou chupar limão azedo".

Continuava cantando:

"O paião é um colosso,

Ele sartô do cavalo

E quebrou o seu pescoço."

E daquele bom palhaço

Um ingresso eu ganhei.

Foi essa a primeira vez

Que num circo eu entrei.

# Uma vida

**Maria Francisca dos Santos Lacerda\***

Lentas passam as horas.  
Olho o relógio, ponteiros frios,  
Insensíveis, fingem dormir.  
O sofrer e a mágoa ao largo,  
Amargos.

Frios dias, frios quartos,  
Frias rostos, frios corredores.  
Quentes apenas soluços de dor,  
Que o vento ouve e abafa  
Uivando.

A sombra desce sobre o vale,  
Silencia o vento e abre solidão.  
Vagas de brilho aqui e acolá,  
No céu escuro de noite longa,  
Crescem, transbordando o tempo  
De ilusão.

---

\* Desembargadora do Trabalho aposentada da 17ª Região

Sentada num canto, espero,  
Espreito, escuto e percebo:  
A vida escorre pelos dedos.  
O silêncio em volta oprime  
E não afoga a trêmula voz  
Do medo.

Fina chuva cai sem cessar,  
Como a molhar meus olhos secos  
De esperança e mágoa.  
Miro as paredes alvas, sua tez,  
E, triste, fico a pensar na vida  
Outra vez.



SHS Qd. 06 Bl. E Conj. A - Salas 602 a 608  
Ed. Business Center Park Brasil 21 - CEP: 70316-000  
Brasília/DF. Tel.: +55 (61) 3322-0266